



1
(b)
4
31

1
(b)

4

31



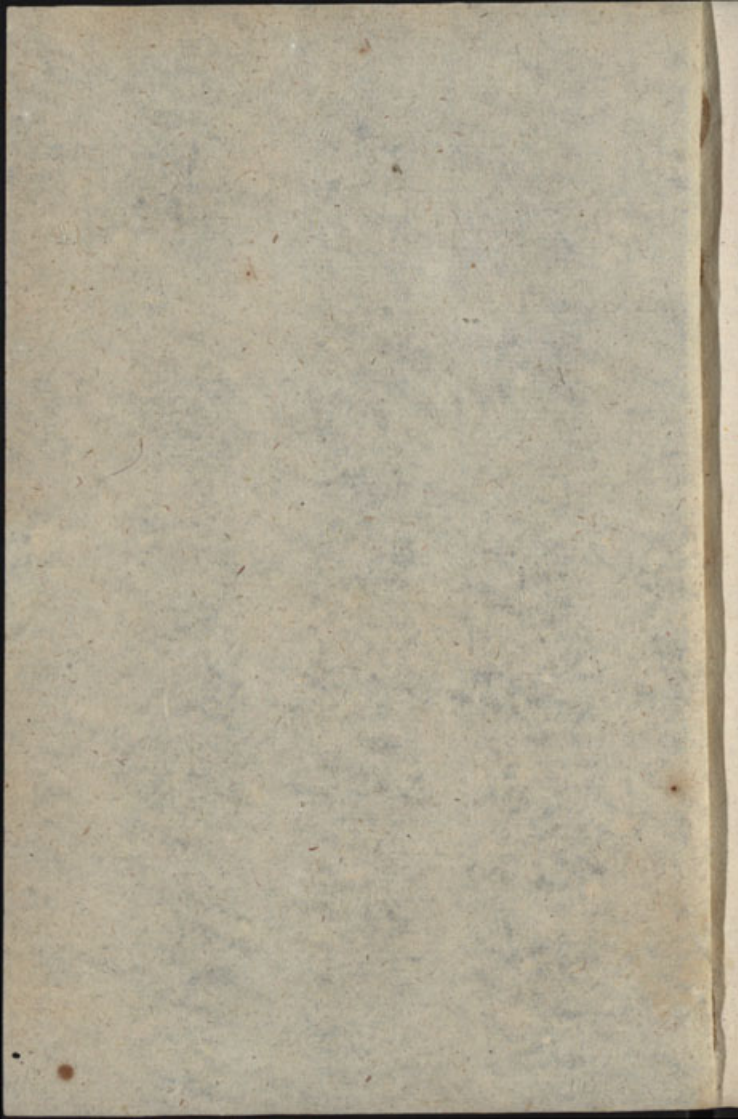




4.
(b)
4
31

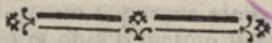
C. 2^a

Ent. 6-22-41



ADDITAMENTO
A' DISSERTAÇÃO
SOBRE
A COMBINAÇÃO DAS IDEAS
INTELLECTUAES, E SENSIFERAS,

*Para fazer progresso da noticia de hum só
Deos para o conbecimento de huma só
Religião.*



COIMBRA,
Na Real Imprensa da Universidade.

ANNO DE CID. 18CC. LXXXIV.

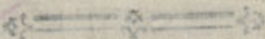
*Com licença da Real Mesa da Commissão Geral
sobre o Exame e Censura dos Livros.*

Vende-se em casa de Antonio Rodrigues Marmeleira.

ADITAMENTO
A' DISSERTAÇÃO

SOBRE
A COMBINAÇÃO DAS IDEAS
INTELLECTUAES, E SENSITIVAS.

Por Luiz Augusto de Souza
Doutor em o curso de Direito
Rio de Janeiro



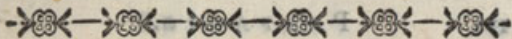
COIMBRA

Na Real Imprensa da Universidade

ANO DE 1834

Com licença da Real Mesa da Cammha Geral
do Exame e Confirmação dos Livros.

Verdade em o Real Archivo de Coimbra.



PREFACIO DO AUCTOR.

COM o designio unicamente de profequir a verdade, e interessar o Publico, he que me resolvi dar á luz a Dissertação sobre a combinaçã das idéas. Persistindo no mesmo intento, cuidei em segunda impressã mais correctã e augmentada, ajuntando-lhe algumas notas, e illustraçõs, que me parecerã necessãrias, e convenientes. Mas huma segunda impressã pede, que antecipadamente se satisfaca a alguns reparos, e reflexõs, que se fizeraõ na primeira.

Criticou-se na Dissertação ser o seu systema sobre as idéas o mesmo de Malebranche; mas semelhante critica he certamente aerea, e sem fundamento; porque ainda sendo em huma, e outra obra o mesmo systema, nem por isso seria escusada, e inutil a Dissertação, se ella puzesse em melhor ordem, e em methodo mais claro, e perceptivel o mencionado systema: creio que isto he o que desejava o Abade Pará na sua Metaphysica.

Comtudo, sem querer dizer que a minha Dissertação corrige, ou põe em melhor luz Malebranche, posso antes segurar que se desvia, e aparta delle, no que diz respeito á evidencia, ou inevidencia dos corpos, prescindindo da Fé; como tambem no que toca á vêr tudo em Deos, ainda o mesmo sensivel, que cahẽ debaixo da perspicacia dos sentidos externos;

contentando-se sómente o Auctor da Dissertação , com que só as verdades abstractas , eternas , e incommutaveis , que o entendimento concebe explicitamente , se vejaõ em Deos , ou nas razões , que nelle estaõ sempre luzindo , como em exemplares.

Mas alem disto quem ignora , que o systema , chamado de Malebranche, foi muitos seculos antes propugnado constantemente pelo grande Agostinho ; purgado porém de alguns pensamentos Platonicos , menos ajustados e verdadeiros.

Naõ he certo , prescindindo agora de outras satisfações , que a doutrina de Malebranche sobre as idéas foi , e será sempre a mais digna de louvar-se , e applaudir-se , do que ser impugnada , e criticada ! Se os Philosophos vulgares a desprezaõ , porque a naõ entendem ; os que figuraõ no Mundo litterario , e que continuaõ a illustra-lo com os seus escritos , o enchem de louvores e applausos. Vejamos como pensa a este respeito o sabio Camusset. O systema de Malebranche , diz elle , he o unico , que tem profundado o particular interessante das ideas , ao qual naõ tendo seus adversarios fundamentos , ou razaõ alguma solida , que oppôr , se valem de futilidades , e dieterios para o impugnarem: encho-me de indignação , continúa o mesmo Auctor , quando leio em alguns livros Italianos proposições falsas , e puerilmente attribuidas a Malebranche.

Tambem eu me admiro , e enfado com o que leio em certo Auctor , affaz conhecido ; o qual, expondo o systema de Malebranche, diz, que elle faz o entendimento do homem unido essencialmente ao ser divino ; porém não cita, nem achará passagem , em que tal disparate diga Malebranche : dirá elle , que o homem pela vontade , e entendimento se une com o ser divino , mas não *essencialmente* (a), nem os mesmos Bemaventurados se unem dessa sorte. Os habitos sejaõ bons , ou máos, não se unem ao entendimento , e vontade do homem , ainda mesmo á substancia da alma ; unem-se sim , mas não *essentialiter*. Disto ha mil exemplos : porem continuemos a observar o que vai dizendo Mr. Camuffet. Diz pois , que dos impugnadores de Malebranche alguns não o entenderaõ , outros nem o leraõ ; e que deste caracter he tambem o livro , que impugna, gloriando-se , não obstante , o seu Auctor de ter pulverizado todas as demonstrações de Malebranche , sobre a existencia de Deos , quando nem huma só rafaõ , ou palavra traz, que tenha

A 2

nha

(a) Não ha motivo para que se note a palavra *uniao com Deos*, lembrando acaço, que com Deos só ha uniao hypostatica da Natureza humana com a pessoa do Divino Verbo : sendo certo que alem dessa uniao singular, e admiravel, ha outras pela graça santificante, pela visao beatifica, e ainda conhecendo aqui a Deos, e amando-o, nos unimos com elle. Quem não sabe arguirem os Santos Padres a Nestorio, porque negando a uniao hypostatica, em Christo, só lhe concedia aquella uniao, que a todos os Santos era *commum*: *Quomodo nos coheremus, unusque, ut scriptum est, cum eo spiritus efficimur*; diz S. Cyrillo *Epist. ad Nestorium*.

ũa semelhante força ; e o que mais admira he , que nenhuma demonstração se lê no seu livro ainda proposta, ou recitada, quanto mais desfeita , ou reduzida a pó (c).

Depois do grande Camuffet , Paulian, não menos illustre que esclarecido , tão empenhado estava em louvar a Metaphysica de Malebranche , que sendo o seu assumpto fazer hum Diccionario Physico, quiz que tivesse tambem ahi o seu lugar o livro de Malebranche sobre as idéas. Este livro, diz elle, não só deo grande gloria ao seu Auctor , mas ao seculo em que vivéo. Isto he o que sentem os homens grandes , e que têm de vagar para entender o systema de Malebranche sobre as ideas. Porisso dizia o sobredito Paulian , que o livro *Investigação da verdade* não se havia ler huma só vez , mas duas , trez.

Moreri no seu Diccionario, depois de exaltar a Philosophia de Malebranche até o Ceo , diz que o seu livro , *Investigação da verdade* , teve a geral acceitação dos sabios tanto que se deo á luz ; e que se houve quem logo o impugnou , não faltou quem o defendesse , e adoptasse , he certo que o grande Gendil o defendeo, e Fenellon, engenho da primeira ordem , o adoptou.

E

(a) L'impieté de Malebranche n'est donc que dans l'imagination de ses accusateurs, qui refutent ses livres sans les ouvrir. Pag. 245.

L'auteur du systéme de la nature prétend les avoir toutes pulverisées; quoiqu' il n' en ait rapporté, ni refuté aucune. Pag. 242.

E que dirá o Marquez de Caracciolo , sempre illustre , e sublime em as innumeraveis obras que escreveo ? Aquella , que parece de todas a melhor , debaixo do titulo *Conversaçaõ consigo mesmo* , não dedicou respeitoso á sombra de Malebranche ? Confessa o Marquez ao seu Mecenas ser aquelle o fructo , que recolheo com a liçaõ dos seus livros , e tractados. Ouçamos fallar a Caracciolo com o seu Heroe ja defunto : *Mais vous qui voyez maintenant la verité dans le point ; immuable de l'éternité , vous savez que si nous étions moins sensuels , & plus occupés de Dieu , nous serions réellement non Malebranchistes , mais Philosophes Chrétiens , tels que vous nous avez appris à l'être . Si vous eutes des contradictions à souffrir , (diz Fontenelle) il faut penser qu' on feroit une ample histoire des vérités qu' ont été mal reçues chez les hommes , e des mauvais traitemens essuyés par les introducteurs de ces malheureux étrangers .*

Muito mais diz o Marquez : elle se lamenta de ter nascido poucos annos depois da morte do seu Mecenas , e acclama por felices os Inglezes , e Alemaens de o terem tratado. Inveja a fortuna de Milord Coddington , que nunca faltou como discipulo em dous annos a procurar as lições de taõ sublime Mestre .

Mr. Rollin : *Il regne en cet ouvrage (la recherche de la verité) un grand art de mettre des vérités abstraites dans leur jour , de les lier ensemble , de les fortifier par leur liaison... la*

diction outre qu'elle est pure, & chatié, à toute dignite, que les matieres demandent, & toute la grace qu'elles peuvent souffrir &c. de la maniere d'enseigner, & d'estudier les belles lettres... tom. 2.^o

Mr. Dulard no Poema *de la Grandeur de Dieu dans les merveilles de la nature*, e nas notas, aonde propugna as idéas innatas, exalta o livro *Recherche de la verité*, e a doutrina de seu Auctor sobre as idéas.

Mr. Hume não exalta menos que Paulian a Philosophia de Malebranche, não obstante ser hum, de quem os Philosophos da moda se lisongeaõ serem sectarios: *Le grand talent*, diz elle, *du Pere Malebranche est de tirer d'une opinion tout ce qu'on peut en imaginer d'imposant pour les consequences, & d'en montrer tellement les principes de profil, que du coté qu'il les laisse voir, il est impossible de ne s'y pas rendre... Essais Philosophiques.*

O mesmo Voltaire, no *seculo de Luiz XIV*, elogia pelo seu modo a Philosophia de Malebranche. O Auctor dos tres seculos da litteratura Franceza larga, e diffusamente se occupa em applaudir, e ellogiar a Philosophia, Moral, e Religiaõ de Malebranche. Diz, que este Philosopho na obra, que intitula *Conversações Christãs*, vindica victoriosamente a sua Fé, e seus principios de huma maneira taõ agradável, como instructiva: he longo o elogio, por isso o omittimos, mas pode-se vêr na dita obra do Abbade de Castres, verb. Malebranche.

Deixo

Deixo de numerar aqui a Fontenelle, que lhe teceo o elogio, a Nicol, e a outros Senhores de Porto-Real, nesta parte unidos, não ao seu Arnaldo, mas ao nosso propugnador das verdades, e idéas archetypas, e primigenias. Para que he accumular outros? Basta dizer, que todos os que tem distincto merecimento, ou louvaõ, ou seguem o systema de Malebranche, pelo menos em parte. Elle pertende elevar o entendimento do homem, ainda nesta vida, até o fazer hum Anjo. A sua Methaphysica não respira mais, que Deos. Contra minha vontade deixo a materia, e passo ao que he proprio de huma introduçãõ.

Naõ me persuado tenha razaõ quem se escusa de seguir a doutrina do nosso systema, na persuasãõ de que elle he muito escuro, e muito difficil a perceber. Mas seja-me permittido dizer-lhe, que só he difficil a perceber para os que estaõ cheios de preoccupações dos sentidos, e phantasmas escuros e negros, que não deixaõ entrar a clara luz das verdades abstractas, ainda mesmo dos principios *per se* notos. Quem não sabe, que as ditas verdades são subtiz e incorporeas, que se escondem facilmente a quem não as contempla com attençaõ intellectual, e elevadas sobre a regiaõ dos sentidos?

A faculdade da Metaphysica he de si sublime, tem seus misterios, e embarços; mas isto lhe he commum com todos os systemas: o nosso, se damos credito ao Marquez de Caraciale,

ciõe , com Fontenelle , alem de ser fixo , he facil nas provas , fertil em consequencias: *Fixe , et facile a prouver , et fertile en consequences.* As consequencias são tão seguras , como os principios.

Ora nós estamos na situação de descobrir terreno , sondar o váo , vencer difficuldades , navegar seguros , e buscar mansão firme para fazer habitação , e morada segura nesta região intelligivel , livres dos insultos contrarios , e inimigos. Na escolha dos simplicis , ou materiaes para esta obra , está todo o acerto. Os que não admittem mais ideas , que apprehensões sensiveis , dizem que não tem outros materiaes ; mas como haõ elles com tão grosseiro cabedal fazer subir com segurança ao alto o seu edificio ? He preciso que este edificio seja sublime , que se eleve ao mesmo Deos , que descubra o infinito , o eterno , o immenso , que veja bem , para poder observar a medulla , a identificação dos attributos das causas.

Sendo esta a mesma verdade , e que os sentidos externos nada disto attingem , como haõ de offerecer materiaes seguros para a obra? Supponhamos que se intenta fabricar huma Igreja , em que a sua pedraria lavrada com talha curiosa , columnas , capiteis , e mizulas , ostente diversas côres , vermelha , azul , amarella... &c. ; como poderaõ os officiaes fabrica-la desta sorte ; se não tem , nem lhe offerecem mais que pedras grosseiras de côr parda ? Da mesma sorte , sem adoptar-des as ideas ab-

stra-

abstractas , intelligiveis , superiores aos sentidos , que não fizeltes , mas que achas , sem as fazer , não poderás certamente construir hum edificio Metaphysico , intellectual , divino (a).

He porém muito de notar , que estes mesmos Philosophos , dizendo que todos os seus materiaes para a construcção das ideas , e edificio metaphysico , são somente as apprehensões sensiveis , depois no acto de edificar vão buscar furtiva e inadvertidamente as ideas abstractas , e intellectuaes ; dellas se valem para a obra ; e na verdade sem ellas não fariaõ cousa capaz ; nunca descobririaõ a verdade. Logo melhor he que , depostos os perjuizos , confessem ingenuamente duas ordens de ideas ; a saber sensiveis , e intelligiveis , universaes , e particulares ; humas manifestadas por Deos ; outras adquiridas com favor de Deos pelos sentidos.

Mas isto he difficuloso , supposta a adheção nimia ao proloquio trivial : *Nihil est in intellectu , quod prius non fuerit in sensu* : o qual como foi adoptado por Locke , e approvado pelo dissertador á Encyclopedia Methodica , ficaõ em salvo , para não lhe chamarem Peripateticos Rançosos.

O que supposto , querem sensibilisar tudo , dar corpo a tudo ; para conhecerem a luz analysaõ as trevas , o mesmo ser das cousas pelo que

(a) *Neque idem est invenire , quod facere , aut gignere ; alioquin æterna gigneret animus inventione temporali , nam æterna sæpe invenit : quid enim tam æternum quam circuli ratio ! De immortalitate animæ S. Agustinus , cap. 4.*

que não he ; a faude pela enfermidade ; o direito pelo torto ; o insensível superior aos sentidos externos pelos mesmos sentidos ; em fim querem formar o infinito pelo finito.

Aqui dirão os discipulos de Locke , e Condillac : o infinito pelo finito figura-se bem ; v. g. apprehendo huma linha limitada e finita , vou augmentando a sua extensaõ por novas apprehensões mais , e mais , *sempre* , e *sempre*... mas paremos nesse *sempre* : Pergunto , e esse termo , que proferistes , *sempre* , que indica ? A apprehensaõ desse *sempre* , que refere ? Donde nasce ? Dos sentidos ? Não. Outra he a sua fonte. Eis-ahi como se verifica , que estes Philosophos na formaçaõ das ideas compostas se valem d'outras ideas , que lhe não entraraõ pelos sentidos , e que por força lhe querem attribuir. Para figurar-des o eterno , ou infinito , basta dizer *sempre* (a) ; este termo simples por si só o representa , sem que seja preciso procurar outros termos , e seres finitos , que nada fazem para o caso ; desfiguraõ antes , do que figuraõ o infinito.

Este

(a) Nous connoissons l'infini , c' est un fait... Je vous demande seulement ; est ce un peu neant , que votre esprit apperçoit ? ce est une realité , direz vous... je insiste , et je vous demande de nouveau , est ce une chose bornée repliquez vous ; mais que je suppose croire *toujours* . Si je vous prierois de me developper ce que vous entendez par ce terme *toujours* , vous retrouveriez encore l'infini sous cet expression , e ainsi de suite. L'idée del'infini ne peut etre un amas d'idées finis , car l'infini n' est point compose de parties , ou se montreroit egale au tout , s'il est donc , si non un éclat de la divine substance , que existe par consequence. Camuff.

Este he o motivo, porque digo, que o modo de philosophar pela combinaçãõ das idéas, na forma proposta nesta Dissertaçãõ, não embaraça o aranzel, que propõe aos principiantes sobre a diversidade de termos. Expliquem o predicado, sujeito, e nexõ do modo costumado; o termo simples, e composto, que tem só hum, ou muitos attributos; o universal, o particular; o abstracto, e concreto, infinito, indefinito... &c., com tanto que logo do principio não adoptem aos ditos termos as applicaçõs arbitrarías, em que só querem tomar tudo accomodado á peripatetica accepçãõ: e na supposiçãõ de que todas as idéas correspondentes aos termos hãõ de ter a sua origem nos sentidos, deixem que o termo se tome na accepçãõ, que indica spontaneamente.

Huns termos indicaõ cousa material, outros cousa espirital, outros cousa divina. Estes dous termos *infinito*, e *eterno* referem spontaneamente isso mesmo, cousa infinita, cousa eterna. Deixem ficar os principiantes com essas lembranças, e não continuem a fazer jeroglyphicos sensiveis do eterno, e do infinito a *parte ante*, como dizem, e a *parte post*, huma eternidade, e infinidade, que não ha, nem houve, nem ha-de haver.

Noto aqui, que o termo fórma costumãõ applicar a huma cousa, que aperfeiçoa o sujeito, e he delle aperfeiçoada; porém os antigos scriptores o tomavaõ por huma cousa, que aperfeiçoava outra, haja, ou não de ser

tam-

tambem aperfeiçoada, como largamente notou Thomassino *de Incarnat.* l. 6. c. 17. He certo que a S. Agostinho he trivial, e familiar esta accepção, e porisso applica a Deos o dito termo *Fôrma*; humas vezes diz que nos formamos em Deos *nulla interposita substantia*; outras lhe chama *forma formarum*; protestando outras de permanecer, e solidar-se nesta *Forma*: *Stabo, & solidabor in te forma mea, veritate mea.*

Demos aqui lugar no reparo que se fez, por se meterem na Dissertação alguns termos escolasticos; porém era preciso talvez faze-lo assim, para na soluçãõ dos argumentos usar-se das mesmas palavras, e fraze dos arguentes: alem disto os termos de que usa a Dissertação tem já a accepção, e idea determinada no uso, nos Diccionarios, e Encyclopedias modernas; sendo por outra parte certo, que o Auctor quiz antes que o reprehendessem os Philosophos da moda, do que expôr-se a não ser bem entendido dos seus leitores. Esta pratica deve admittir-se em hua materia taõ recopilada, abstracta, meramente especulativa, e difficil de explicar. O mesmo deve dizer-se a respeito de algumas repetições, e circumlocuções, que se nada enfeitãõ a oraçãõ, determinãõ o sentido de quem falla, para não ser levado fora da sua intençãõ.

Vamos ja ao que parece offender mais a alguns impugnadores de Malebranche. Offendem-se com effeito muito parecendo-lhe se

segue

segue do seu systema, que ja vêmos , ou podemos ver a Deos ainda nesta vida contra o que diz a Escriptura. Mas quem não vê que a visão intuitiva pode ser obscura ? Por ventura os mesmos olhos corporaes, que observão muito de longe o seu objecto , não o vêem intuitivamente, aindaque de huma maneira obscura ? Sei que não só Malebranche , mas outros muitos Auctores , alem dos de que faz menção a Dissertação , tem respondido , e satisfeito amplamente á objeção proposta : e ainda que eu não nego , nem impugno a efficacia destas soluções ; não preciso com tudo valer-me dellas. Por ventura a força da objeção pode ter lugar no systema da Dissertação ? De nenhum modo ; pois neste systema Deos , e as verdades eternas sim se vêem , ou conhecem immediatamente, mas não intuitivamente ; pelo que escusado he demorar-me aqui mais. Se os livros santos nos dizem , que a Deos ninguém vê nesta vida claramente , não dizem , que ninguem o conhece escaça , e obscuramente.

Nem deve causar reparo , que digamos ser este conhecimento immediato , sem ser intuitivo ; pois ainda a respeito dos objectos sensiveis se observa isto. Acaço não podemos conhecer ás escuras os objectos que tocamos , os pômos que comemos , sem que os vejamos com os olhos intuitivamente ? Quem dirá que este conhecimento não he immediato por não ser intuitivo ? Os objectos externos , e mate-

riaes vêm-se por beneficio da luz intuitivamente , e com tudo essa luz não he vista por modo intuitivo , supposto seja sentida , conhecida , e experimentada. Donde vimos a concluir, que vemos, isto he, conhecemos a Deos, e as verdades eternas ; mas não por modo de visã intuitiva , mas *per modum lucis* , & *experientia*. Gostamos , e sentimos internamente a verdade eterna , mas não a vemos.

Ha quem diga, que a Philosophia moderna hoje bem aceita , he aquella , que dos sentidos tira unicamente a origem de todas as ideas ; e que o tal modo de pensar fora adoptado pelo Auçtor da nova Encyclopedia da Logica , e Metaphysica. Para examinar porém agora hum ponto, que diz respeito á intelligencia da doutrina da Dissertação , he forçoso extender mais o Prologo presente. Continuemos.

O Encyclopedista da Logica , e Metaphysica pag. 634 , t. 1, diz que as nossas ideas se reduzem todas aos sentimentos internos d'alma , e que humas são das cousas externas fóra d'alma existentes ; e outras das internas operações della mesma , como conhecer , amar , duvidar..... &c. , e não acrescenta hum terceiro modo ; a saber , do que alcança , percebendo algumas cousas , que não são externas , e materiaes , nem internas operações da mesma alma ; mas distinctas do externo , e de si mesma , como infinito , verdades eternas : se elle o acrescentasse , eu me calaria , eu conviria , concedendo que todas as nossas ideas

nos illustraõ por estes tres modos ; e julgo que tambem o dito Auctor acharia hum caminho mais curto , e desembaraçado de conhecer a verdade ; pois quando vai a fazer os seus calculos analyticos, como despresa, e quer supprimir este terceiro modo de sentir , gostar , e conhecer a verdade , no qual ella , ainda que sem sentidos, está naõ muito escondida, quanto mais calcula , analyfa, e discorre , por outra parte tanto mais se aparta , e envolve a materia , e a verdade mesma ; ella lhe apparece como em relampago , e desaparece , porque offerecendo-se spontaneamente no dito terceiro modo de sentir , elle o despresa, e quando o declina , a declina. Se naõ vêde.

Quem pode ignorar, que as idéas dos sentidos externos são communs aos animaes racionais , e irracionais ? Ambas estas especies tem representações sensiveis , e ainda imaginação das cousas singulares ; a differença he , que os racionais , além das idéas particulares dos sentidos, tem idéas geraes abstractas, e intelligiveis , que lhe mostraõ , ou fazem subir ao entendimento as connexões das realidades sentidas ; e os outros animaes , nem as sentem, nem as tem. Vem agora os sequazes de Condillac, adherentes sómente ás sensiveis impressões , impugnadores das ideas abstractas intelligiveis , pondo o pensamento destas de parte , tomã a sensação ; e (sendo ella de sua natureza simples) a pertendem analysar , compôr , e descompor , formar , e transformar ,

comparando , como dizem , do Cerebro as traças com traças , ideas com ideas , e as traças com ideas , para cuja obra se valem de prolixas palavras , frases , e circumlocações.* Mas que resulta dahi? Dar-nos-hão a conhecer a verdade? Não ; porque nos deixão a materia muito embrulhada , muito escura a obra. Estaõ a meu ver as cousas no mesmo caso dos Peripareticos. Estes consideraõ a sensação , sahindo do entendimento agente , caminhar ao paciente , e ahi transformar-se em especie intelligivel; porém nada mais inintelligivel. Não he menos embaraçado , e mysterioso o rumo de Condillac. Hum , e outro systema abandona as ideas abstractas , que são todo o fundamento da razaõ ; a mesma razaõ universal , que nos sahe ao encontro para corrigir-nos, obrando mal, he o melhor argumento da immortalidade d'alma ; se bem reflectirmos nós não formamos estas razões , mas conformando-nos com ellas ficamos em certo modo felices. As que nós formamos imaginando não são firmes , nem seguras da verdade , nem incommutaveis.

Conhecendo bem esta verdade Cartesio , Newton , e outros se portaraõ por differente modo: apprehendendo o objecto sensivel estupidamente pela sensação externa , o propu-

nhão

(*) Este modo de pensar vem a recahir na Philosophia semisceptica de Mr. Mothe le vayer , que admite todas as sciencias problematicas , a excepção da sciencia do Cão , que vem da revelação Divina.

naõ ao entendimento, examinando, e conferindo com ideas claras, as relaçoẽs, que a razãõ lhe mostrava haver nelle, e a ordem para outros objectos; se as ideas abstractas lhe naõ ministravaõ logo as luzes que queriaõ, faziaõ supposiçoẽs, e ultimamente vinhaõ algumas vezes a descobrir alguma lei constante da Natureza, e tornando a conferir essa lei com as ideas abstractas claras fizeraõ progressos maravilhosos, hum na Optica, e Algebra, outro na Astronomia. Pelas ideas claras dirigiaõ estes Philosophos as escuras, suspendendo-se, aonde naõ havia clareza ideal, lei da Natureza ja averiguada, ou experiencia constante. Os Philosophos da moda governaõ-se por outro modo; tudo querem tirar do sensivel, que respeita ao externo, que he o mesmo, que querer tirar outro, aonde naõ ha senaõ terra.

As ideas claras saõ as do numero com suas multiplicaçoẽs: da extensaõ, e dimensaõ com suas figuras, e angulos; da moralidade com os principios per se notos, v.g. *Quod tibi non vis, alteri ne facias: Totum est sua parte majus*. Adoptaõ como criterio aquelle proloquio: *Tudo quanto vejo claramente na idea clara, posso afirmar do objecto visto*. Que diz a Encyclopedia? Que este proloquio segundo Locke he de pouco, ou nenhum uso, mas he porque elles abusaõ d'elle; que he perigoso; que naõ ha proloquios, nem ideas innatas; que tudo nos vem dos sentidos, reduzindo-se os syllogismos a proposiçoẽs, e as proposiçoẽs

a singulares, que entraraõ pelos sentidos externos. Porém he certo, e experimentado, que com effeito ha verdades, que se alcançaõ pelo simples intuito: e ainda quando se discorre por syllogismos, he de principios, ou proposições geraes para as singulares. Voltaire disse, que duvidava, se dous e dous eraõ quatro. (a) Hobbes diz, que o principio: *Totum est maius sua parte*: he só provavel. Hia coherente com a sua terrena Philosophia. Ora para convencer a estes senhores não trabalham nós. Fiquem com o seu enthusiasmo esturrado, por não dizer Pirronismo.

Porém o Abbade Condillac, e o Auctor da Encyclopedia, não negaõ a evidencia destes proloquios abertamente; mas, não obstante, querem reduzir tudo aos sentidos externos; aonde elles acabaõ pertendem que vaõ continuando. A verdade mesma abstracta querem calcular, e analyzar sensivelmente o licito, o honesto, a moralidade. Neste presuppõsto o Auctor da Encyclopedia ja deminue, ja augmenta a liberdade, segundo a organisação minutissima, e implicada do cerebro estiver mais ou menos robusta; mas nós sabemos, que mudada a constituição das fibras notavelmente, ou pela velhice, ou pela doença fica

(a) Deseza dos pensamentos de Paschal pag. 208 da Edição de Amsterdã. Estes Philosophos confundem a idea clara com a sensação confusa, e porisso abusaõ, ou não sabem usar do proloquio que se entende da idea clara, e não sensível; e ambas se ajuntão no Entendimento, he preciso não confundilas.

naõ obftante, a mefma liberdade. He logo preciso fazer menção de hum principio , que determine o agente , e que feja efpiritual , o que naõ fez o Encyclopedifta ; mas fim , occorrendo a eíta falta , Mr. Panckoucke editor no fim do artigo pag. 240 com huma pequena nota , a qual vale mais , que tudo , quanto a precede largamente tratado.

Naõ fei fe o mefmo zelo , que moveo a eíte erudito editor da nova Encyclopedia a notar a doutrina , que achava efcripta em nome alheio , foi tambem o que moveo ao Auctor , ou Auctores do Diccionario Historico a dizer , fallando do Mr. Condillac , as fequintes palavras : *On lui a encore reproché , que dans fon traité de sensations il a établi des principes , dont les materialiftes ont tiré des funeftes confequences* : faõ formaes palavras.

Tambem naõ poffo diffarçar , que o dito Auctor no prologo , querendo applaudir a fua moderna Philofophia , (que affim lhe chama) entre os fructos que ha dado , numere hum Emilio fingular entre as viftas , e obfervações do homem. Se elle fingularizaffe a Rhetorica , e Eloquencia do Emilio , ainda que impiamente empregada , eu me calaria ; quanto ao mais o feu livro eítá cheio de fem-razões , de contradicções , e blasfemias ; fe elle fingularizaffe o Emilio por fer hum tratado de educação o mais quimerico , que hum homem ha podido conceber , como diz o Auctor do Diccionario dos tres feculos da Eloquencia Fran-
 ceza ,

ceza, eu me calaria; de outra sorte devo dizer com o sobredito illustre, e sentencioso Escriptor, que o Publico, sempre igual em todo o tempo, tem feito justiça a Rousseau, apregoando seus erros, suas illusões, seus delirios, rindo-se sempre da sua singularidade. Hum homem deste caracter, ainda que seja nimiamente eloquente, e brilhante no seu dizer, não devera ser produzido por Mr. Cretelle como fructo singular da moderna Philosophia. O certo he, que a Metaphysica deve ser toda fundada em verdade; mas a de Rousseau tende só a fazer-se celebre. Elle mesmo he quem o confessa: *La gloire est mediocre a ne prouver, que ce qui est vrai; laissons agir la nature, e cedons aux impressions meme momentanees, e soions singuliers pour devenir celebres* (a). Tambem cita a Voltaire, de quem ja disse, duvidava se dous e dous eraõ quatro: ora pelo que diz respeito a este Philosopho, com quem quer tambem Mr. Cretelle auctorisar a sua Philosophia, se damos credito ao Abba-de de Castres, que profundou devagar o merecimento de todas as obras deste Escriptor, concluiremos que elle he o objecto da libertinagem, o apologista do vicio, o flagello da virtude, detractor da religião, e que auctoriza a fatalidade. O primor da sua eloquencia, e talento especial eclipsou com tantos e taõ atrozes névos, e erros, na prosa, e verso, em

(a) Veja-se de Castres verb. *Rousseau*.

tal fórma , que o todo das suas producções litterárias , á excepção de bem poucas , he hum monstro brilhante , mas inconceptivel que se não pode definir. Que credito pode dar logo á moderna Philosophia este subtil , e brilhante Charlatao ? Que fructo se pode tirar da leitura dos livros de Voltaire ? O ditto Abbade de Castres o dirá : *Les jeunes gens apprendront a son école a secouer le joug du devoir , a repeter des blasphemes , a triompher de leurs dereglemens : les gens de lettres a peu respecter les modeles , a deguifer leurs larcins. &c.*

Mas alguem desejará saber , porque não continua o nosso Encyclopedista a produzir tambem , para credito da sua Philosophia , os livros intitulados : *Systema da Natureza ; Nova liberdade de pensar ; Le bon sens ; L'esprit , e os tratados encyclopedicos de Mr. Yvon* , e outros tao acclamados dos Philosophos da moda partidistas , e com muita tenacidade adherentes á opiniao , que todas as ideas entrao pelos nossos sentidos ? Acafo talvez se abstenha de os nomear por serem abertamente Materialistas , ou tambem para livrar-se d'alguma arguicao semelhante á que fez o Abbade D. Aubry a Mr. Elmotte , propugnador accerrimo da Philosophia de Condillac , em huma das cartas da sua correspondencia sobre a mesma materia , e se lê no nosso Jornal Encyclopedico do anno de 1791 ; ou finalmente por se livrar da critica , que se fez com equidade á Mr. Alembert , por pertender justificar a intenção de

Letra-se nos livros de litteratura de Mr.

Mr. Yvon , que meteo elle mesmo no Dicionario Encyclopedico os Artigos *Dieu, Athée, Ame* , que respira o ar , e cheiro pestilento d' hum Materialismo , e Atheismo pouco disfarçado : he porém certo , que o mesmo dito Yvon conheceo o seu erro , e se retratou ; o que ainda culpa mais o Apologista , e a sua Apologia fica frustrada (a).

Eu bem sei que Censura Ecclesiastica sómente merecem directamente os que de tal forma fazem a alma dependente das sensações , que destruidas estas pela morte se destroe , e anniquilla a alma ; e não os que admittindo a alma immortal só querem a tal dependencia no estado da uniaõ com o corpo. Deixo pois as Censuras , e passo a examinar outra vez , se estes ultimos Philosophos raciocinaõ bem , dizendo que nesta vida todas as nossas ideas são sensiveis ; ou que da raiz sensivel todas se originaõ. O Auçtor da Encyclopedia leva isto tanto adiante , que , para ser a Metaphysica bem fundada, diz se ha-de suppor primeiro , que a experiencia tem mostrado , que todas as ideas vem dos sentidos ; ora vamos a examinar esta experiencia.

O menino , dizem elles , primeiro vê , ouve , gosta&c. , e assim vai alcançando , e conferindo ideas com ideas até discorrer : donde querem inferir , que a origem de todas as ideas seja a raiz sensivel. Se elles por ori-

(a) Leia-se nos trez seculos da litteratura , verb. *Yvon*.

gem, e raiz, querem dizer, que o primeiro, ou primeiros actos d' alma venhão da sensibilidade das cousas externas conhecidas, não terei muita pena em permiti-lo, supposto que com o grande Bergier o pudeffe negar (a) e se entendem por origem de ideas huma como raiz, e fonte, donde procedem todas as mais, ligadas humas com as outras, e geradas do mesmo principio, de nenhum modo lhe concedo; porque ha diferentes origens, como a experiêcia me mostra.

... O homem não ja balbuciente, mas varão, sabe por experiencia ter muitas ideas, que lhe não entraraõ pelos sentidos; a mesma idea da ordem, que eu, depois de sentir, alcanço haver nas cousas que senti, não he, nem pode ser dos sentidos externos. Sobre as verdades abstractas incommutaveis digo o mesmo. O meu senso intimo, e a minha consciencia faz que me seja evidente esta verdade. As cousas que sinto, e alcanço com os sentidos externos, todas são singulares, nenhuma geral, e incommutavel. Logo nem todas as ideas, e cousas que conheço, tem nos sentidos externos a sua origem. Donde viciaõ d'ago essas ideas,

(a) Parquelle sensation recevons nous le sentiment de notre existence individuelle? Nous avons démontré qu'il est inseparable de l'ame. Elle a donc une force active; sa dependance a l'égard des sens n'est lui donc point essentielle. Il est absurde, qu'un être actif par son essence ait besoin par son essence d'un instrument passif, pour exercer son activité. Quand l'écrois est détruit, la dependance n'existe plus, l'ame jouit donc alors pleinement de sa force active.

e conhecimentos? Aindaque eu não faiba assignar a sua origem, sei que as há, porque assim o experimento; e se esta razão não satisfaz, digo, e torno a dizer, que dessas ideas algumas são eternas a mim communicadas em tempo: e se querem saber porque se não communicão, ou patenteão á alma, primeiro que as outras, direi, porque assim quiz Deus; o qual, *ex perfectissimis non incipit, res ad perfectionem per gradus ducente*: como disse Calmet, glossando as palavras de S. Paulo: *Factus est primus homo Adam in animam viventem.... sed non prius quod spirituale est, sed quod animale, deinde quod spirituale*.

Os brutos tem só sentidos, e não tem razão; ao homem ambas estas cousas lhe competem nesta providencia para se comportar; mas huma e outra tem suas funções diversas, e separadas. Dos sentidos, ou pelos sentidos attinge a alma os individuos materiaes; o senso, ou conhecimento destes excita o entendimento para descobrir as razões abstractas: estas razões ninguém as formou, ellas se achão, e descobrem sem se formarem por ministerio do homem. No conhecimento, direi melhor, no sentimento do individuo excitante tenho que reformar, na razão excitada por elle, não. Explico-me com este exemplo. Vejo huma Taboa triangular *A*, tenho que examinar, ou averiguar se ha nella perfeita igualdade dos tres angulos com os dous rectos, ou não: pelo contrario, na razão intellectual excitada

citada sem exame algum alcanço essa verdade; ahi não tenho que examinar; fico logo certo haver na tal razão a dita igualdade. Sejaõ em-bora nesta providencia os sentidos necessarios para excitar as razões abstractas; mas sem a luz d'essas razões não está o homem em acto de raciocinar. Por mais que se apurem as ope-rações sensiveis, não se configurará sem as ditas razões hum perfeito raciocinio.

Vêde muitos animaes, que ensinados aprendem a ligar as ideas sensiveis, que tem com signaes para manobrar, e mover-se á von-tade dos donos com certa ordem, e galanta-ria; com tudo nunca haõ de raciocinar legiti-mamente, nunca poderaõ levantar o conheci-mento ao alto, ao honesto, para o discernir; sempre nas suas manobras se cingirão com o terreno, e material. Não bastaõ logo os co-nhecimentos, e ideas sensiveis, he preciso haver outras de superior jerarchia: saõ uteis as experiencias sensiveis, saõ convenientes, e ainda necessarias, o ponto he se alem d'essas ha outras ideas de verdade precisas para ser racionais; nós dizemos que sim, e o demon-stramos; quem disser que não, como o ha-dê provar? Se me clamaõ: Tira, ou impede o uso dos sentidos, e verás que não podes ter uso da razão: eu lhe direi: Tira, ou esconde ao ho-mem as razões abstractas, as regras da mora-lidade, as verdades incommutaveis, fique em-bora com todos os sentidos vivos, e expertos, e ainda ligados com signaes para manobrar;

coitudo certefico-te, que'naõ has-de raciocia-
nar mais! que hum puro animal.

He certo naõ hayer homem, por mais bar-
baro que seja, que naõ tenha dentro em si es-
criptos com caracteres inauferiveis os precei-
tos da lei natural. He verdade que muitos naõ
os lem, porque attendem naõ a elles, mas a
varios, e differentes cuidados terrenos, em que
andaõ engolfados: *nolunt intelligere, ut bene
agant.* O que ha muitos creados com as feras,
e que nada se distinguem d'ellas; naõ racio-
cinaõ, nem conhecem a differença do bem,
e do mal: porẽm digo, que naõ pôde ser ten-
do alma racional, e uso da razão; se naõ tem
uso da razão por fatuos, estaõ na mesma clas-
se dos infantes, e innocentes.

Supponhamos que Deos naõ quiz, que o
homem exercitasse as suas potencias racionaes
antes de ser excitado dos sentidos, ou estando
os orgaos sensiveis embaraçados. Quem o ha-
de arguir? Taõ pouco se ha-de arguir, porque
quiz antes deixar crescer o homem pouco a
pouco com todos os embaraços, e fraquezas
da infancia, do que faze-lo nascer com os
sentidos desembaraçados; e toda a força do
homem maduro. O que digo he, que se esses
barbaros tem a alma racional unida ao corpo,
sem que exercite as suas potencias racionaes,
e livres, como confessão os nossos adversarios,
que naõ são Materialistas, porque naõ poderãõ
ter dentro de si ideas, antes de usarem d'ellas?
Nem sempre a falta do uso indica impotencia.

Ajuntai em sociedade effes creados com as feras sem mistura de cultura alguma, e vereis como elles pelo discurso do tempo abominão o mal, e amaõ o bem honesto; ou, pelo menos, conhecem que o bem ha-de ser amado, e o mal aborrecido: sempre clamarei: o Ente supremo conservador do Universo, ainda que apparece disfarçado, a ninguem se esconde. Não ha ignorancia invencivel de Deos, nem peccado puramente philosophico: o sentimento contrario he condemnado.

Ultimamente parece-me ouço repetir, que a Philosophia de Descartes prevaleceo por algum tempo, que agora prevalece a Philosophia da moda; até os mesmos Escolasticos não admittem ideas chamadas *innatas*. Porém em quanto ao nome de *idea innata*, elle tem varias accepções; pelo que ainda o mesmo Seguy, o qual propugna, que nem todas as ideas vem dos sentidos, não quer que se chamem, as que por elles não vem, ideas *innatas*. O ponto he se ha ideas que nem venhaõ, nem possaõ vir dos sentidos. Neste presuppõsto he falso dizer, que a Philosophia, que estes senhores chamaõ da moda, prevaleceo na Escola. Vejamos o que dizem os melhores Auctores. Dé principio a tudo o modernissimo Bergier, ja allegado na nota precedente:

Il n'est pas vrai, que toutes nos idées nous vient par les sens. Veja-se t. 3.º pag. 252 no seu tratado *historico, e dogmatico*.

Seguy: *Sunt ideas, quæ nec immediate, nec mediate*

diante ex sensibus oriuntur. In Logica pag. 311
 Adam: *Non omnes ideæ nostræ sunt sensationes.*

In Logica pag. 58.

Lugdunensis: *Ideæ innatæ dicitur ea, quæ statim
 ab ortu mentibus nostris a Deo insculpta est;
 talis est ideæ ipsius Dei. In Logica pag. 19.*

Na sua *Metaphysica* geral diz o mesmo ; e
 para mostrar que a idea do infinito he positi-
 va primeiro na mente , que a do finito , e sen-
 sível , traz huma auctoridade de Bossuet ter-
 minante , e bella , tirada da 2.^a elevação , 1.^a
 Semana.

Gorsinus: *Quamvis autem spirituales ideæ men-
 tibus nostris innatæ , adeoque semper præsentæ
 sint ; non tamen ab animo semper percipi , &
 cogitari debent ; sed ubi solum a corporeis ima-
 ginibus excitantur. In Metaphysica pag. 152.*

Jacquier: *Conscientiæ testimonio experimur nos
 multa percipere per intellectiõnem puram ,
 absque ulla imagine corporea : ergo plures ha-
 beamus ideæ pure intellectuales. In Logica pag.
 59.*

Cursus Tullensis: *Sunt ideæ quædam , quæ ne-
 que proxime , neque remote a sensibus oriun-
 tur. In Logica part. 1. Assert. 1.*

Hooke: *Deum esse , seu existere ens infinitum ,
 & perfectum probat ipsa ideæ infiniti , & per-
 fecti ; nam certissime indita est mentibus no-
 stris ideæ infiniti , & perfecti prædicta
 ideæ non oritur a sensibus externis neque
 ab ipsa mente est conficta per aggregationem
 omnium perfectionum rerum finitarum , uti*

contendit Lockius &c. Religionis naturalis, & revelatae principia: t. 1. pag. 63, e 64.
 Mr. Hume: *Nôtres idées primordiales ne peuvent être produites en nous, ni par les objets extérieurs, ni par le mouvement de nos organes, ni par l'acôion intrinseque de notre ame... &c. Essais Philosophiques da origem das ideas: §.4. no fim.*

Seria eu mesmo infinito se houvesse de referir todos os que affirmão termos nós outras ideas, alem das que se originaõ dos sentidos externos; os que não admittem outras seraõ os Hobbes, Buffons, Bonnetes &c. Se estes saõ os que constituem a Philosophia chamada da moda, he inteiramente falso ter ella no nosso seculo prevalecido, nem pode prevalecer, porque della tem tirado os Materialistas funestas consequencias. Vejamos o que diz hum dos maiores, e mais insignes Philosophos, e Theologos, Mr. Bergier, trat. da Verdadeira Religiaõ, art. 3. t. 3. ad calcem. *Cette Theorie sublime, qui raport tout a sensation n'a etê imaginê, que pour frayer le chemin au Materialisme. Nous voyons apresent pour quoi la Philosophie de Locke a etê si bien accueillie, e les effets qui en ont resultê. C'est avec raison, que elle à etê censurêe dans les theses de l'Abbê de Prades, parce que elle est fausse, mal raisonnée, et conduit a des consequences morales tres pernicieuses.* Faz aqui mençaõ do Abbade Prades, não tanto para se auctorizar com o seu sentimento,

mento , como para argui-lo de incoherente.

De mais disso os que auctorizaõ a sua Philosophia com Mr. Alembert naõ se podem livrar de incorrer tambem na critica; que se fez a este Philosopho, sobre ser a sua Metaphysica muito defeituosa. Eu me naõ atrevera a repeti-lo, se naõ o lesse no Diccionario de Mr. de Castres da Ediçaõ quarta, faonde elle principia com estas formaes palavras , verb. Alembert : *Plusieurs critiques respectables , diz elle , nous ont reproché d'avoir traité avec trop de indulgence ses Melanges de littérature : de n' avoir pas assez insisté sur les defautes de sa Metaphysique souvent obscure , imperceptible , entortillée.*

Em quanto á estatua *homem*, levantada por Buffon , Bonnet , e outros , ella representa o homem considerado segundo o sentimento physico, naõ moral : se elles queriaõ formar huma estatua *homem* perfeita, ou adequadamente, deveraõ representa-lo segundo o sentimento moral, tambem naõ subtraindo d'elle as ideas Moraes do util sem ser delectavel, naõ só da espontaneidade , mas da liberdade ; se os movimentos nas feras saõ espontaneos , porque naõ saõ coactos , naõ saõ livres , saõ necessarios , havendo precisamente obrar o que mais delecta ; nem podem livremente fazer o contrario , como pode o homem , attendendo a razãõ que tem , e á liberdade ?

A estatua de Condillac ainda he mais para notar : tanto elle quer exaltar os sentidos do homem , que a sua estatua apenas tinha al-

guns desembaraçados , e não de todo , e ja conhecia ter Personalidade. Dormio , e acordou , e logo pela consciencia do *he e foi* , formou distincto conceito da Pessoa , ou da Personalidade ; cousa taõ incognita nos primeiros seculos do mundo , e ainda agora difficil , desorte que tem dado occasião a quatro heresias capitaes , Sabelliana , Macedoniana , Nestoriana , Euthliciana. Bem sei que isto , que diz o Abbade Condillac , ja o tinha dito Locke ; mas eu acrescento , que tambem asseverou este Philosopho , *que se acaso esquecessem a hum homem todas as cousas , que tinha conhecido , entrando de novo a conhecer outras , ja não era a mesma , mas differente pessoa.* Não sei qual he mais para admirar , a Philosophia de Pythagoras , ou a de Locke nesta parte : Pythagoras sim disse que a Alma transmigrava para outro corpo , e com elle era outro homem ; Locke porém , sem essa passagem para outro corpo , só pelo esquecimento do que tinha conhecido , entrando de novo a conhecer , ja não era a mesma pessoa , mas diversa. Se os principios , e fins de Locke hiaõ coherentes com este seu modo de pensar não são bons , nem adequados para por elles regularmos a nossa Philosophia , e Raciocinios.

Finalmente para não deixar de fallar alguma cousa a respeito do homem machina de la Metrie , bastará transcrever o que neste ponto disse o Abbade de Castres , verb. la Metrie: *Il' etoit en Hollande lorsqu' il publia son homme Machine :*

chine: production que l'auroit conduit sur l'echa-
 faut, sans une prompte fuite, qui le déroba
 aux perquisitions des Magistrats. Elle pertendia
 animalizar a pura materia, e porisso se met-
 teo em hum labyrintho de erros atrozes. Ain-
 da que a faculdade de sentir pareça difficulto-
 sa de explicar, só he para quem quer confun-
 dir aquillo, que os Physicos chamaõ sensaçãõ
 occasional, com a sensaçãõ que os Metaphy-
 ficos chamaõ formal: diz Paulian no supple-
 mento, verb. sentir. Ora sendo isto assim, o não
 saber distinguir, mas suppor identificadas estas
 duas sensações, perturbaraõ a imaginaçãõ de
 la Metrie, para fundar neste prejuizo o seu
 homem Machina, todo aereo, phantastico, e
 ruinoso; quem ler este pestifero tratado, e
 tambem o livro *Systema da Natureza*, vá com
 esta cautella, e facilmente escapará de ser
 supplantado da destreza, que tem os seus Au-
 ctiores de enganar a quem não estiver preveni-
 do contra os seus prestigios, e quizer anima-
 lizar, como elles fazem, a sensaçãõ occasio-
 nal, predicado que só compete á formal; e
 não souber em fim distinguir o homem phy-
 sico do moral.





I N D E X

DO ADDITAMENTO.

PREFACIO. - - - - -	Pag. I
<i>Exclamação de hum incredulo no Tribunal Divino. - - - - -</i>	<i>I</i>
<i>Ilustração ao §. 8 , sobre huma nota da Arte de pensar do Abbade Condillac. - -</i>	<i>9</i>
<i>Ilustração ao §. 14 , sobre a doutrina do Ab- bade Condillac ácerca das ideas entrarem todas pelos sentidos externos. - - -</i>	<i>18</i>
<i>Ilustração ao §. 15 , sobre o modo de veresi- car-se, no systema de Malebranche, o ver- mos , ou não , tudo em Deos. - - -</i>	<i>35</i>
<i>Ilustração ao Artigo 2.º da 2.ª parte , em que se mostra a impossibilidade de huma creatura eterna. - - - - -</i>	<i>72</i>
<i>Ilustração ao Artigo 7.º da 2.ª parte. - -</i>	<i>79</i>



INDEX

DO ADDITAMENTO

... ..

... .. Pag. 1

... ..

... ..

... ..

... ..

... ..

... ..

... ..

... ..

... ..

... ..

... ..

... ..

... ..

... ..

... ..


... ..

... ..

... ..

... ..

... ..



EXCLAMAÇÃO

DE HUM FATALISTA ATHEO,

*Apparecendo no Tribunal Divino logo
morte.*



OH' Grande Deos, de quem eu tenho tantas vezes temerariamente blasfemado ! Até agora , Senhor , vos não conhecia, ou não queria conhecer-vos ! Mas porque? Estáva cheio de vaidade , de mentira , de esquecimento de vós. Trabalhava loucamente em persuadir aos outros se entregassem ao Fado, negando a vossa existencia. Tinha por fim fazer neophitos meus partidistas , para gloriar-me loucamente com elles. As demonstrações tão palpaveis , e claras do vosso ser , e existencia , illudia faceta-mente , pertendendo enche-las de negras som-bras em ordem a não serem percebidas. A minha incredulidade , e declamação , que pode prejudicar a sociedade fazendo incredulos ,

acaso prejudicou ao vosso ser inalteravel, a vossa immutavel existencia? De nenhum modo. Tantos são os que perverti, quantos os que agora vejo contra mim irados, e raivosos, com quem hei de habitar eternamente no meio das chamas.

Já vejo que não ha Fado, que foi vã a minha sonhada Fatalidade; em seu lugar tenho presente, e me apparece huma admiravel Providencia. Eu já confesso não podeis deixar de ser summamente bom, e justo. O grande Deos tão grande, e tão familiar; tão elevado, e tão proporcionado á baixeza da creatura, que vos ama; tão terrivel, e tão amavel; terrivel para os máos, e amavel, e familiar para os que humildes vos adoraõ, e trataõ com sincero, e puro amor! Estou certo me fizeste semelhante a vós, enchendo-me de graças, e beneficios para attrahir-me, e para salvar-me, mas não quizestes tirar-me a escolha do bem, e do mal. Depois disto se me perdi, foi porque assim o quiz, foi porque obstinadamente resisti á graça, como os Judeos ao Espirito Santo. Ja não posso duvidar que sois a bondade soberana. Só me resta concluir, que se

se a outros destes maior graça , a todos fazeis justiça. Ainda áquelles, que haõ de experimentar para sempre os rigores da vossa ira , fazeis misericórdia.

He bem verdade, que não dais iguais graças a huns , e a outros ; mas a todos franqueais as que os faraõ inexcusaveis , quando os julgares , ou, para melhor dizer , quando elles neste rectissimo Tribunal se julgem a si mesmos , como eu agora faço , quando a verdade impressa no meu coração pronuncia já a sentença da minha condemnação eterna , na qual não vejo senão equidade , e equidade. He certo que podieis dar-me huma superabundancia de graça, mas justissimamente não quizestes, franqueando-me com tudo o que na verdade era necessario, para não ficardes responsavel na minha perdição ; não tenho motivo algum de me queixar. Se fui máo , não he porque me faltassem todos os meios de ser bom. Vós me deixastes na minha liberdade , não me posso queixar de não enriquecer-me mais , e mais , dando-me as superabundacias, que destes a outros: o senhor , que offerece a seus jornaleiros a recompensa do seu trabalho , não he injusto se

quer ser mais liberal com algum d'elles.

Oh! ser Eterno! já vejo que estais coroadado com todo o genero de perfeições; porém, a que mais me admira, he a vossa summa bondade. Como me soffrestes, Senhor, tanto, e tanto tempo! Eu não fiz outra cousa que declarar-vos huma guerra louca, e continuada. Desprezava os vossos Ministros, mostrava aos vossos adoradores, dos que professavao a vossa Fé, e a Santa Religião; dizia disparates sobre os seus Dogmas, e Mysterios: pertendia blasfemando denigrir a vossa pessoa, e de vossa Mãe segundo a carne. Que opprobrios não vomitei contra os Santos, e sectarios vossos? Eu os acclamava por fatuos, supersticiosos, e fanaticos: esta era a minha continua linguagem em casa, na rua, nas assembleas, nos theatros, em todo o sitio. Estou cheio de assombro por me terdes até agora soffrido, e tolerado tanto tempo. Seria talvez porque o mesmo tempo, que a respeito de mim, que sou temporal, era dilatado, para vós o não he, que sois eterno: os viventes são impacientes, porque a sua vida toda não he mais que hum minuto; o vosso longo soffrimento he fundado sobre os montes da Eternidade.

Eu

Eu vendo a multiplicidade de iniquidades, tantos, e tão horrorosos defacatos contra a Religião, como que me escandalizava, mostrando dizia serdes vencido, e levado involuntariamente da desmedida corrente das defordens, e peccados; mas vós vos rieis da minha demencia, e cegueira; e agora vejo que sem serdes auctor do peccado, da sua permissão quizestes tirar infinitos bens. Vós vos servistes dos máos para corrigir os bons, e aperfeiçoá-los, humilhando-os, e fazendo notórias as suas admiraveis virtudes: como haveriaõ Martyres tão illustres, e gloriofos, se não houvessem Tyranos cruelissimos? Como haveriaõ resgates de captivos, se não houvessem piratas, e ladrões? Como haveriaõ defensores da justiça, e da verdade, se não houvessem hereses, e impostores?

Até agora podia eu fechar os olhos á luz, que me mostrava o vosso ser, e as vossas perfeições; mas queria antes habitar nas escuras trevas, na triste noite da minha incredulidade. Agora já não posso: hei-de ver por força, como com effeito vejo, que vós sois o Ente Supremo, summamente perfeito, o Juiz dos vi-

vos , e dos mortos. Estou perante o vosso tremendo Tribunal , para ser julgado.

O' Miseravel nada ! Quem me dera poder identificar-me contigo ! Melhor era não ser , que ser eternamente condemnado. Eu affectava com arrogancia ser inacessivel aos receios , ser espirito forte , que não temia de modo algum as ameaças da outra vida ; agora me vejo no maior desfallecimento , gelado , tremendo , espavorido. Não vos posso ver irado ; mandai-me já para o lugar da minha eterna condemnação ; á face da vossa justiça , e omnipotencia confesso ter merecido as penas , que vou a padecer.

Maldita Philosophia foi a minha. No meu fatal systema os levantamentos , as revoluções , as irrelições , os peccados , qualquer que fossem , tudo era huma consequencia necessaria das leis da Natnreza ; as paixões não são propriamente mais que effeitos d' attração , repulção , gravitação ; nenhuma liberdade para moderarlas : mas agora vejo o contrario : agora he que eu me sinto sem liberdade para fugir o mal , e abraçar o bem , que então evidentemente tinha , e a minha cega Philosophia me fazia persuadir não ter. O' maldita Philosophia corrupta ,

rupta , invejosa , vã , ambiciofa , inquieta , injusta , adherente aos prazeres ! Oxalá te tivera eu largado , e abandonado em vida ! Mas agora já he tarde : entãõ eu loucãmente cueria fer fõ hum instrumento necessario nas mãos do acafo ; agora he que eu sou effe instrumento passivo nas mãos da justa pena.

Estou já certo, ó Juiz Soberano, que as minhas penas , e dores não excederaõ o abuso , que tenho feito dos vossos favores. E vós que não assentisteis aos sofismas da minha Philoſophia , e sacrilegas declamações , vós que fugistes do imperio fatal do acafo , a quem eu adorava , como Deos , gozai da felicidade , que o Pai commum me destinava , e louvai-o para sempre.

O' Formosura increada ! O' Bondade immensa , tarde te conheci ! Eu fazia zombaria com receio se não inquietassem os do meu partido , e por systema fazia zombaria d' aquelles , que á hora da morte se voltavaõ para vós , e se convertiaõ ; persuadido , que ainda sendo verdadeira a Religiaõ , que abraçavaõ , não era ja tempo opportuno para que pudessem alcançar expiação , e remissaõ dos peccados. Porém ago-

ra vejo quanto me enganava ; porque a vossa bondade , e misericordia he maior que toda a nossa malicia , e maldade, ainda innumeraveis vezes multiplicada. Se eu nessa ultima hora me convertesse verdadeiramente , sei que havieis de receber voluntario a minha penitencia. Porém nem entao o fiz ; e assim já nao tenho remedio. Completei o caminho , estou no termo. Nao posso nada esperar , sim desesperar. Nao posso satisfazer , posso só padecer. Já me parece estou ouvindo proferir a sentença ultima dos bons , e máos ; aos bons chamando-os para o Reino : *Venite benediſti Patris mei, possidete regnum*: aos máos comigo mandados para o fogo eterno : *Et ibunt hi in supplicium æternum ; justi autem in vitam æternam.*

Ilustração ao §. 8, Corolario 3.º da 1.ª parte, e ao Artigo 3.º da 2.ª

Sobre a nota, que na Arte de Pensar do Abbade Condillac se-lhe pôs pag. 55, concebida nas seguintes palavras = Mallebranche à pensèe, que les nombres, qu'apperçoit l'entendiment pur, sont quelque chose de bien superieur à ceux, qui tombent sous sens. St. Augustin. (dans ses confessions) e tous les Partisans des idées innées ont été dans le meme prejuge. Quatrieme tome l' Art de Penser. A Geneve &c. . . .

NÃO me posso persuadir, que esta nota seja do Abbade Condillac; julgo antes ser do seu Editor; pois he certo que os Philosophos advertidos não censurão de prejuizos as opiniões dos sabios, e grandes homens, com cujo parecer se não conformaõ: produzem sim os argumentos, que mais os movem, não se mettendo a infamar os pareceres alheios. Attribua-mos pois ao Editor de Condillac, e não a elle esta censura, que nada denigra aos censurados,

mas

mas só aos censurantes. Quem não vê que o Editor de Condillac, posto em paralelo com Malebranche, e S. Agostinho, desapparece? Ao grande Agostinho ainda como Metaphysico ajoelhaõ todos os cordatos. Malebranche he reputado dos maiores sabios pelo melhor Philosopho. Este he o epiteto que lhe dá Lami (a), e o annotador ás cartas do Marquez de Valmont, e seus filhos (b); a sobredita maioria lhe attribue Mr. Camuset (c), e pelo seu modo todos os Auctores allegados no Prologo desta segunda Ediçaõ da Combinaçaõ das idéas, e a outros muitos. Que importa logo que o auctor da sobredita nota falle taõ livremente? A si proprio he que denigra.

Por ventura he prejuizo dizer, que a medida, com que medimos, he differente do medido? Logo nem dizer, que os numeros, com que numeramos, não são os que numeramos: isto he o que disse S. Agostinho no livro das suas Confissões. He certo que as razões, e respeitos de todas as cousas estaõ nas idéas de

Deos,

(a) *Entrt. sur la scienc.*

(b) Pag. 42, 3.

(c) Pag. 52.

Deos , isto he , na arte do Supremo artefice ,
 (a) que não obra cegamente , mas com conhe-
 cimento. Alli não são essas razões , ou rela-
 ções , seja dos números , ou das figuras , mui-
 tas cousas realmente , mas huma só cousa ad-
 miravel , que contém todas essas relações , e
 verdades eminentemente. Não estão em Deos
 formalmente as figuras , e numeros; mas a re-
 gra , e verdade d'elles. A uniaõ da alma com
 essas razões , e verdades pôde illustra-la para
 conhece-las , seja ou não excitada pelos sen-
 tidos externos ; e isto basta para dizer-se com
 verdade que os numeros, com que numeramos,
 não são os que numeramos.

O P. Mallebranche Entret. 5 sobre a Me-
 taphyfica disse , que quando a alma conhece
 algum objecto material ha dois conhecimen-
 tos , sensação confusa , e idea clara : assim di-
 go eu agora por modo não differente , que
 quando conheço pelos sentidos algum singular,
 há , ou pôde haver , dous conhecimentos jun-
 tamente , hum do singular sensifero , outro in-
 tellectual da razão d' esse individuo abstracta ,
 pelo

(a) Coloss. C. 1. v. 16. 17. 19. 20.

pelo menos confusamente conhecida : as cou-
fas commutaveis excitaõ ; mas não represen-
taõ as incommutaveis.

Depois disto o nosso Editor devêra primei-
ro mostrar , que a unidade geometrica com
seus quebrados he idea adquirida pelos senti-
dos externos ; ao menos nos devem conceder ,
que algumas destas verdades , e relações do
numero , muitas das suas raizes , e proprieda-
des saõ sobre os sentidos : ellas córadas não
saõ , nem sonoras , nem saõ odoríferas , não
saõ faborosas , não saõ tactivas. E não estaõ
aqui completamente os objectos especificativos
dos sentidos externos, e fóra do que ficaõ iner-
tes ? Que importa que os numeros hum, dois,
trez &c. se dividem , e determinem quanto a
nós com sinaes externos , se elles sinaes , e di-
stinctivos não saõ as ideas , mas depois d'ellas ?
Nem esse hum abstracto ; e como tal nunca
atingiraõ os sentidos : o hum, que elles vem ,
ou tocaõ , he sempre confusamente hum ag-
gregado de muitos. Era preciso que esses Philo-
sophos nos mostrassem, que todas as ideas, que
se ligaõ com sinaes sensíferos , saõ sensíferas ;
o que nunca saõ. O fim , a que moralmente

se dirigem as nossas acções, não conhecem os sentidos; e por isso as verdades moraes ficam fóra da sua esfera, e com tudo se designão com caracteres sensiferos. O munus dos sentidos, quanto ás verdades abstractas, he excitar ideas que elles não fazem; se são imagens do sensifero, isso só he *excitative*, non *archetypè*: Assim o diz o auctor das notas ao Livro intitulado *De variis da Razaõ* (a).

Dizer o contrario, he querer apagar os conhecimentos dos principios da Lei Natural sobre as luzes sensiferas, escrita nos nossos corações pelo dedo de Deos. Todos os Philosophos, ou quasi todos, até os mesmos Peripateuticos, ainda Loke, estão de acordo que os sentidos externos só attingem os singulares, e que não abstrahem as razões universaes. Porém o Abbade Condillac, deixando as pizadas de Loke seu antesignano, se levanta clamando, que os sentidos externos tambem fazem abstracções, pag. 84. Mas como poderão os sentidos externos abstrahir, ou conhecer as verdades abstractas, se ellas são eternas pela confissão do mesmo Condillac? pag. 21. Po-

(a) Let. p. 425 2. Edição de Paris.

Porém sem esperarmos resposta a esta pergunta, vejamos como o dito Abbade quer reduzir toda a investigação, ou inspeção da verdade a analyse sensifera: *le jugement*, diz elle pag. 188, *la reflexion*, *les passions* (a), *toutes les facultes de l'ame ne sont que sensation transformée*: accrescenta logo que este seu methodo, que escapou a Loke, e aos mais metaphysicos, he a quelle do qual elle faz uso: *C'est qu' aucune n' a connu cette rigoureuse analyse, dont nous faisons usage*. Quizeramos que Condillac advertisse, que analysar não he abstrahir. O analisar, como diz elle mesmo, he descompor as partes de hum todo, ficando cada parte determinada com a queda, ou respeito para as mais do dito todo desmanchado: abstrahir he prescindir de toda, e qualquer determinação: á vista do que a analyse he mais propria para a Physica, do que para a Mathematica, e muito menos para a Mathematica. Não obstante, ainda para esta sciencia a quer elle facilitar, e substituir, persuadindo

(a) A Paixão he *Animi motio*. Pode ser alguma puramente interna, e espirital.

aos Geometras a sua preferencia: mas he certo, que a Geometria, e Astronomia fundada só no tal methodo, não faria maiores progressos, que fazem os Asiaticos, e Chinas, que ignorantes das regras mathematicas calculão v. g. os Eclipses pelos sentidos, e suas entrevistas; mas por isso errão a cada passo adiantando-os, ou atrazando-os hum, dois, oito, e mais dias; erro que algumas vezes lhe custa a vida em premio da sua ignorancia.

Naõ culpamos a Condillac do trabalho que tomou nos exemplos, que nos offerece da sua chamada Analyse, que sómente são como humas definições discretivas da cousa; estranhámos porém a nimia adhesão com que pretende se execute pelos Geometras; quero dizer, a persuasão de não passarmos adiante cultivando a Logica, Physica, Metaphysica, e Geometria pelos preceitos d' aquellas artes, ou sciencias, do modo que até agora abraçaraõ, e adoptaraõ os grandes Philosophos, e Metaphysicos, que elle nomea pag. 211, e vem a ser Descartes, Leibenzio, Mallebranche. Quer, que deixando estes, que todos tres foraõ Geometras, sigamos antes as pizadas de Loke, que

o não foi, *ibid.* A Loke dá a superioridade por não ser Geometra? Não sei como se atrevêo a escreve-lo assim em hum seculo tão illuminado. Por ventura a exacta Geometria retarda o Geometra para não ser tão bom Metaphysico? De nenhuma fórte.

O Abbade bem vio, que esta proposição da sua analyse tão avançada, e extensa, como elle quer fazer, havia de ser mal recebida dos sabios; mas parece se contenta, seja bem acceita dos ignorantes, que neste particular, diz elle, são os juizes. Eu me não atreveria a dize-lo, se não lesse esta mesma confissão por elle escrita nas seguintes palavras; no alto da pag. 211 já allegada: *Si les Philosophes ont de la peine a reconoitre cette verite, c'est parce qu'ils se laissent prevenir par un usage, que le tems paroît avoir consacré. Cette pervention est si generale, que je n'aurai presque pour moi, que les ignorans; mais ici les ignorans sont juges, puisque ce est pour eux que les elemens sont faits. Dans ce genre, un chef de ceuvre aux yeux de savans rempli mal son objet. Aussi n'ecris je q' pour les ignorans.* Log. pag. 227.

A analyse sensifera não me pôde gerar
sci-

sciencia, senão quando muito physica. Nós ainda depois do peccado original temos sciencia methaphysica, e evidencia de muitas verdades; logo ainda depois do peccado original temos ideas de verdades, que não entraram pelos sentidos, que são superiores aos sentidos, fundadas na evidencia methaphysica, que he o melhor criterio da verdade; donde vem a idea positiva que temos do infinito. Dizer com Condillac (a), que não gozamos da noticia desta idea positivamente, he contradizer a experiencia. Bemdito seja o benevolo Creator, que assim nos enriquece com a sua presença. Não lhe sejamos ingratos.

Em quanto á origem desta sublime idea, ella não pôde ser formada pela analyse, ou composiçãõ; pois seria destrui-la, dar-lhe por elemento qualquer objecto creado: Se huma medida limitada do ser offerece huma idea positiva, quanto mais offerecerá a plenitude? diz o Arcebispo de Vienna na sua *Religião vindicada da incredulidade pela incredulidade mesma*. Depois acrescenta: Haveria contradiçãõ em podermos assegurar do que Deos não he, ignorado totalmente o que elle he. D *Illu-*

Illustração ao §. 14.

O Abbade de Condillac quer persuadir, que todas as ideas dos nossos conhecimentos são adquiridas pelos sentidos externos, e que nelles se encerraõ todos os materiaes, que temos para conhecer as verdades, sendo comtudo preciso combinallas bem: persuade-nos para isto o uso do seu methodo analytico, procurando cuidadosamente em qualquer cousa a raiz, ou principio de todos os nossos conhecimentos; que ha de ser huma idea, que entrasse pelos sentidos externos, e desta fazer progresso ás mais até o fim, rematando para proceder com boa ordem em outra idea tambem sensifera. Isto pois assim preparado havemos logo de combinar ideas com ideas analysadas, para descobrir as verdades, que ellas patenteaõ.

Porém eu digo, que só na combinação de ideas sensiferas, sem attender a outras excitadas pelo sensifero, e não sensiferas, não poderá subir o nosso conhecimento ás verdades superiores aos sentidos; será elle mais animal, que racional: sem fazer ascenso para o intel-

ligivel, e insensivel, por mais que combinemos não attingiremos senão cousas sensuaes; nunca sahiremos da região animal; e que *Metaphysica*, que *Philosophia* pôde dahi resultar?

Sejaõ primeiro no conhecimento as sensações, seja primeiro na analyse huma idea sensifera; logo não ha de haver outras que examinar para diante até achar a verdade? Por ser a primeira sensifera, todas o haõ de ser; e todos os materiaes para os nossos conhecimentos haõ de ser sensações? De nenhum modo. Tambem o moto local dos orgãos sensorios he primeiro que a sensação, donde em certo modo tem a sua origem, como disse elegantemente S. Leão Papa (a): *Acceptit sensus, unde sumit & motus*; e comtudo ninguem dirá, que os materiaes para a fabrica dos nossos conhecimentos saõ os movimentos sensorios, só se for algum puramente *Materialista*.

Occorre a isto o *Abbate de Condillac* dizendo, que antes do peccado original no estado da innocencia a alma tinha ideas antes dos sentidos; sem delles depender para os seus co-

(*) Sermon. 8 de *Jejunio decimi mensis*.

nhecimentos; que depois de apartar-se do corpo perde com effeito a tal dependência, mas que no presente estado não pôde conhecer senão pelos sentidos externos. Se lhe perguntarmos, se teve revelação disso? dirá que não. A experiencia he que o move a fallar dessa maneira. Elle experimenta ter ideas dos sentidos, que combina para conhecer qualquer verdade, e que de outras ideas, que chamaõ innatas, não tem experiencia: mas innumeraveis Philosophos da primeira jerarchia dizem ter experiencia dellas. A quem pois havemos de dar credito? Aos que derem melhores provas. Não he assim? Ora as provas de Condillac reduzem-se a argumento negativo. Diz que não tem experiencia: as dos outros illustres Philosophos se reduzem a argumento positivo, dizendo que tem experiencia. Elles dizem abertamente que experimentaõ, ou percebem ser-lhe representado no entendimento hum objecto, que lhe não entrou pelos sentidos, v. g. o *Infinito*, que bem o percebem, ainda que o não comprehendão. Condillac porém diz, que positivamente tal não percebe. Posta está a causa em juizo. O argumento do Abbade he negativo: o dos

outros Philosophos positivo, de huma experiencia que affirmão ter em ponto, de que não pôde haver engano: *Se finto que vejo, que co-conheço, he certo que conheço*, pelos principios do mesmo Condillac (a); e assim tem-se vendido, e concluido contra elle.

Confirma-se. O verdadeiro Mathematico diz, que tem intima consciencia, e percepção de serem iguaes a dois rectos os tres angulos de hum triangulo; o principiante diz, que tal não percebe, não experimenta intimamente esta igualdade. Por ventura a falta de percepção deste offusca a evidencia do outro? De nenhum modo.

Este argumento tirado da percepção do infinito he huma demonstração da existencia de Deos, dizem infinitos auçtores (b); mas, para dar

(a) L' Art de raison p. 53. Chacun sent qu' il existe, qu' il voit, qu' entend, qu' il agit, e persone en cela ne se trompe. Mais quand il est question de la maniere d' exister, de voir, d' entendre &c. . combien en a il qui sachent eviter l' erreur.

(b) Je apperçois l' infini, dit Malebranche: or rien de finit ne peut le représenter: donc je la apperçois en lui meme: donc il' existe. Mr. Camuset. *Princip. contra l' incredul.* pag. 242.

O P. Jaime de Febure diz, que o methodo de atacar os Atheos

dar lugar ao merecimento, e liberdade, não quiz Deos pôr aos nossos olhos tão claras as demonstrações da sua existencia, como são algumas da Geometria, que de tal forte se manifesta logo, que o entendimento se não pôde retrahir. Porém ainda na mesma Geometria muitas verdades, que são evidentes, nem a todos se fazem logo perceptíveis para dar lugar ao estudo, e applicação.

Assentemos pois, que as experiencias do Abbade nesta materia são diminutas, e de nenhuma forte exactas. Deixemos agora o infinito para que não cuide, que só na sua idea se versaõ os nossos argumentos, observações, e experiencias. Vamos á sensação de hum circulo individuo, que determinadamente vêm os olhos corporaes. Diz elle: Eu vejo com os olhos do corpo hum objecto redondo, v. g. A.

Esta

pela idea do ente necessario he muito cõmum dos nossos dias, e que com vantagem o adoptarãõ os seus mestres. Prologo não longe do principio, *Unica e verdadeira Religião*, impresso em 1771, traducção Portugueza por hum Monge Paulista. Vede Malebranche de *Inquisit. verit.* l. 46. cap. 6. n. 8: *Argumenta deducta ex idea infiniti, quam habemus, sunt argumenta simpliciter visus. Statim atque infinitum videmus, Deum existere pariter videmus, . . . quia infinitum non nisi in se ipso videri potest.*

Esta he a idea sensifera ; ella , nos diz Con-
dillac , he clara , porque he certo ter dentro
em si esta representaçõ ; o que não he certo ,
he a applicaçõ que della faço ao objecto visto,
julgando ser redondo, quando pôde ser que seja
quadrado : e pára aqui , e não continua a di-
zer , que nesta representaçõ sensifera do ob-
jecto determinado exista outra representaçõ
tambem do redondo , mas intelligivel , abstra-
cto , e commum , a qual não pôde ser a re-
presentaçõ dos sentidos , que sómente vêm o
sensivel , determinado , e individual , não ab-
tracto , e universal : Não he isto o que dizem
quasi todos com S. Thomaz ? 1. p. q. 12,
art. 4 : *Cognoscere res universales est supra fa-
cultatem sensus*. Este circulo , que não vem os
olhos , he a idea intelligivel , chame-lhe , ou
não idea innata. Esta a medida que se ha de to-
mar para medir com exaçõ , e sem falhas as
propriedades do circulo verdadeiro , qualquer
que elle seja.

Os olhos vem estupidamente , e sem ex-
açõ de propriedades o seu circulo ; e por isso
este conhecimento sensual , ainda que seja vi-
vo , não deixa por isso de ser estúpido , e ob-
scuro ;

scuro ; o outro he superior , he muito exacto , não padece defeitos , não engana , pois não he sensível , mas intelligivel , donde não ha engano.

Querendo Condillac occorrer a esta difficuldade , e suster , que todos os nossos conhecimentos , ainda do entendimento , se reduzem a sensações , diz pag. 20 : *Ainsi pour dissiper l'obscurite , e l'incertitude des idées sensibles* (noteim aqui como elle confessa haver obscuridade nas ideas sensiferas , que acima diz serem claras) *nous n'avont qu'a les considerer en faisant abstraction des corps : alors nous trouverons dans nos sensations de idées exactes de grandeur , de figure , leurs rapports , e toutes les connoissances des Mathematiques. D'autres abstractions nous feront decouvrir dans nous sensations les idées de devoir , de vertu , de vice , e toute la science de la morale. &c. . .* Em poucas palavras nos intenta descobrir riquezas immensas de sabedoria em alguns fragmentos da sensação ; parte desta sensação , não toda , se damos credito a este Philosopho , he a idea que patentea o objecto para toda a Mathematica , para toda a Ethica , ou Moral , e para todas as mais sciencias abstractas.

Nos

Nós não duvidamos que as idéas abstrahidas, e intelligiveis sejaõ objecto das sciencias; negamos porém que ellas estejaõ reluzindo da sensaçã: sennaõ diga-nos Condillac como descobriremos nella este thesouro? Analyfando, diz elle, e abstrahindo (que na sua sentença tudo he o mesmo). Quando com os olhos corporaes sentimos, v. g. o circulo A, tiremos desta sensaçã a rafaõ de circulo, deixando ficar o mais, que o distingue dos outros: esta rafaõ abstrahida, diz elle, he huma parte da dita sensaçã, pag. 78, e 125.

O parte maravilhosa, que és melhor que o teu todo, com o qual, naõ obstante, tens identidade; pois a sensaçã he simples, e naõ tem partes reaes, distinctas, como propugna o dito Condillac. O todo he corruptivel, e temporal, a parte incorruptivel, e eterna; pois a rafaõ do circulo, assim como de outra qualquer figura, he verdade eterna, pela expressã confissãõ do mesmo Condillac, pag. 21. Esta confissãõ he conforme á Doutrina de S. Agostinho de *Immort. Anim.* cap. 4: *Quid tam aeternam, quam circuli ratio?* Ajuntar porém em huma pobre e simples sensaçã necessario com con-

tingente , temporal com eterno tem sua diffi-
culdade.

Eis-aqui os embaraços em que se mete Condillac com a sua partiçãõ analytical da sensaçãõ. Não lhe fôra melhor confessar, que o conhecimento adquirido pelos sentidos externos lhe excitou huma idea de circulo intelligivel , da qual lhe vem hum conhecimento , que não he sensaçãõ, mas intelleccãõ; sem que obste o argumento que tantas vezes inculca , a saber : Se não tenho sentidos, não tenho conhecimento algum ; logo todos os meus conhecimentos são sensaçãõ ; nada valle ; assim como este : Se não houver vibraçãõ alguma nos órgãos sensorios não posso ter sensaçãõ ; logo todas as minhas sensações são vibraçãõ dos ditos órgãos. Se não diz Condillac , que a contusaõ material, ou corporal, que occasionou a dor, he parte da sensaçãõ dolorosa , não diga que a sensaçãõ , que occasionou a lembrança da idea intelligivel , he parte della. Quem disser que a contusaõ corporea he parte da sensaçãõ , diz mal , e fomenta o materialismo.

Se Condillac não estivesse tão tenaz na persuasãõ , que todas as ideas são dos sentidos

externos, facilmente descobriria outra origem de algumas, que não poderaõ entrar por elles, mas esta tenacidade lhe faz induzir, e lembrar huma sensaçõ transformada, e dizer que todos os nossos conhecimentos a ella se reduzem, na pag. 80, assim: *Tuttes nos facultés spirituelles ne sont que la sensation meme, qui se transforme differement*; e na pag. 188: *Tuttes les facultés d'ame ne sont que la sensation transformée*. Esta palavra *transformée*, parece ser muito equivoca, e inclinar-se a Peripatu. Como ha porém a sensaçõ mudar de fórma, (que esta he a nativa significaçõ da palavra *transformée*) se ella toda he fórma? O sujeito poderã mudar de fórma, mas a fórma não. Como ha a fórma mudar de fórma? A estas angustias he que chegaõ os que querem incluir dentro dos limites da sensaçõ todos os nossos conhecimentos.

Pois que? Na reflexã, e comparaçã não he que o entendimento descobre todas as verdades? Seja. A reflexã não he por ventura huma sensaçõ transformada? Assim diz que he o Abbade Condillac, pag. 40, *Art de raison.*: *Reflectir n' est donc qu' une maniere de sen-*

tir:

tir: c' est la sensation transformée. Eu convenho em que seja reflectir huma maneira de sentimento, mas não sensaçõ transformada (a): a sensaçõ tende necessariamente no seu objecto sem fazer comparações, nem reflexões, e supposições, se está ou não no externo objecto o que ella representa: tudo isto pertence ao entendimento; mas nem o mesmo entendimento faz, ou gera as verdades eternas, e abstractas, que nessas comparações, e reflexões descobre. Ouvio dizer a S. Agostinho: *Non est idem facere, aut gignere, quod invenire, alioquin (anima) aeterna gignit inventione veritatis. Quid enim tam aeternum, quam trianguli ratio?*

Depois disso a cogitaçõ interna do objecto tambem interno he apta para nella cahir a reflexã, e com tudo aqui não ha sensaçõ, nem figurada, nem formada, nem transformada. Seja embora a reflexã hum modo de sentir; mas

(a) No systema do Abbade só se pôde conhecer por reflexã o objecto, que antecedentemente fez impressã nos sentidos externos: Sendo assim como poderiamos conhecer o objecto puramente espirital não sujeito a elles? De nenhum modo, diz de *Marnier* T. 2. Meth. 303.

mas hum sentir intimo, não externo, ou sensação: do que se manifesta, que nem todos os nossos conhecimentos, ainda de reflexão, são a sensação transformada. Acaço cuidará Condillac, que he sensação tudo o que ella excita, ou respeita? Não cuide tal. Todos os entes, e todos os conhecimentos tem mutuos respeitos de huns a outros, e com tudo huns não são outros; cada qual tem a sua essencia determinada. Não duvido que todos os nossos conhecimentos se reduzaõ aos dois sentimentos, interno dos objectos internos, e insensíveis; e externo dos objectos sensíveis, e externos; mas nem todos são sensação.

Seja-me licito aos discipulos de Condillac produzir aqui huma passagem de seu illustre Mestre, cujo sentido repete muitas vezes nas suas obras por estas, ou outras palavras, em que nos offerece hum modo da sua abstracção, ou analyse sensifera, e quase não offerece outros exemplos, senão desta ordem. Eis-aqui as palavras formaes tiradas da Arte de pensar, pag. 79: *Nos sens decomposent chaque object: la vue en separe les couleurs, l'ouï les sons. . . .* &c. Não tenho mais que lhe dizer, se-

nao que está enganado, suppondo a cor no objecto material, e da mesma forte o som. . . &c. A cor branca, ou qualquer que seja, nao está inherente ao objecto, que se diz corado, só esta como occasião, ou causa, nao como forma real: formalmente está na alma, e nao he outra cousa, senao huma modalidade della, que a affectão em ordem a poder distinguir pelo colorido os objectos materiaes huns dos outros, a sua grandeza, e figuras: da mesma forte o som, a sua affinação, ou defaffinação, frio, calor, tudo isto são modalidades, que affectão a alma, e que lhe dão a conhecer, ou sentir a conveniencia, ou desconveniencia das cousas a seu respeito assim sentidas. Mas por isso mesmo que são formas, ou modalidades da alma, nao o podem ser do corpo, cujos modos todos haõ de ser materiaes, e nao espirituaes.

Isto a quem reflecte por si he evidente; escuso confirma-lo com auctoridade; com tudo só trasladarei aqui huma passagem de Mr. Camuset a este respeito. = A quem pertencem estas ricas cores, esta purpura, de que o Ceo com tanto prazer se reveste, esta verdura, que em-
bel-

belleza os prados, esta luz, que enche os espaços, o ouro que brilha sobre os pétalos das flores? Nada d'isto he proprio da materia. Vós vedes este Mundo sensível em repouso; no mesmo instante eu o vejo mover-se, para o que basta unicamente a compressão do meu organo visual. Por ventura não vemos nós as mesmas cores? Descartes nos ensina, que tudo isto tem o seu assento na alma. . . &c. . . (a) Camuset pag. 12.

Condillac quiz aqui (b) suppôr para fazer a sua abstracção analytica, que a cor, som, e outras qualidades, que se dizem sensíveis, são inherentes aos objectos externos: por outras palavras; pôs o assento dessas qualidades fóra da

(a) Aqui appartiennent ces riches couleurs, cette pourpre dont le Ciel aime à se revestir, cette verdure étendue sur les espaces; l'or qui brille sur la tête de ces fleurs? Rien de tout cela n'est propre à la matière. Vous voyez ce monde sensible en repos; au même instant je le vois se mouvoir; il suffit pour cela, que je presse l'organe de la vision. Nous n'appercevons donc point les mêmes couleurs? Descartes nous avoit appris que ces choses n'ont leur siege, que dans l'ame . . . &c. . . *Principes contra l'Incredulite.* pag. 12.

(b) Digo aqui, não me embaraçando no que elle quiz dizer em outro lugar confusamente. Tom. 3. pag. 485.

da alma : pelo contrario a existencia , duraçãõ, e movimento , que certamente são causas reaes , proprias da materia extensa , *mota* , durante , não-lhe quiz assignar outro assento, que em certos phenomenos, que diz elle serem sensações ; e que não he possível passar adiante do que sentimos ao que na realidade he, pag. 122. Mas quando eu clara , e directamente conheço as propriedades das figuras extensas , humas linhas maiores, e menores , não passo adiante do que sinto ? Se o Philosopho diz, que os sentidos pelas sensações não vêem as figuras , e grandezas , mas as apparencias dellas , e que pelos sentidos não pode a alma julgar disso , pag. 65. *Art de ratioc.* ; que ha de dizer, quando eu , ou outro qualquer lhe dissermos , que vemos claramente as figuras , e suas propriedades , distinguindo o quadrado do redondo ; e no circulo vendo que todos os raios lançados do centro á circumferencia são iguaes . . &c. Diga o que quizer ; o certo he que eu passo adiante dos sentidos vendo estas , e outras verdades por ideas , que não são delles : nem tema realizar estas ideas verdadeiras , pois toda a verdade tem seu assento em realidade ; e se são ver-

da-

dades eternas, he intimo á alma, mas distincto della, na forma que se diz na Dissertação; se não tivessem realidade, seriaõ quimeras: porém agora não he o intento demorar-me nisso; quero só conferir, e averiguar o que diz o nosso Philosopho sobre a extensaõ, e sobre a duraçaõ: faz a idea da extensaõ, e da duraçaõ muitas sensações successivas, ou coexistentes. pag. 123.

Reprehende a Locke por definir da maneira que definiraõ os mais Philosophos a duraçaõ, a qual elle explica por outro modo adherente á sua sensaçãõ successiva, em tal forma que a alma do homem dormente não tem propria duraçaõ no caso de ter suspensas as sensações; e assim diz, que do ultimo instante antes do somno, e do primeiro em que acorda, só se devem contar dois instantes da duraçaõ: *Je pourrois donc dire, que la dernière perception de l'ame quand on s'endort, et la première quand on s'éveille, forment deux instans. . . En un mot la succession qui se fait dans le corps pendant le sommeil est nulle par rapport à l'ame, qui ne peut avoir conscience d'aucun intervalle. &c.* pag. 128. E na pagina seguinte: *Car sa durée n'étant*

que la successión de ses pensées, il y auroit contradiction, que elle durat sans penser. Ora he certo, que o nosso Philosopho neste Capitulo parece usar dos termos dos Idialistas, e não sendo na verdade Materialista deixa escapar algumas expressões, que dão armas a estes Philosophos; por isso no Diccionario Historico, depois de se louvar algumas cousas, que mereciaõ louvor, na obra do Abbade Condillac, se remata, não obstante d'era principios no seu tractado das sensações, de que se vallem os Materialistas: *On lui a encore reproche, que dans son Traité des sensations il a établi des principes dont les Materialistes ont tiré de funestes consequences . . . mais . . . s' il a adopté quelques unes des opinions de la Philosophie moderne, on peut dire q' il les a tempéré.*

Finalmente para remate desta illustração digo, que Mr. Abbade Condillac tracta da evidencia da razão, e do sentimento na sua Arte de raciocinar, e nos dá instruções para conhecermos a evidencia das cousas: porém como elle diz, que todos os nossos conhecimentos nos vem dos sentidos externos; e que estes não vem as cousas, mas as apparencias,

as quaes não são muitas vezes como apparecem ; segue-se daqui, que não pode ter evidencia alguma se não dos sentimentos internos, e mais nada. Ora eu tenho evidencia das verdadeiras propriedades das figuras, que os meus sentimentos internos me manifestão distinctas delles ; que a materia não pôde pensar ; que se bem honesto ha-de ser perferido ao delectavel . . . &c. Retenha pois embora, e conserve a asserção de que temos evidencia de algumas cousas, mas busque outros principios para os conhecimentos evidentes dellas, alem dos sentidos externos.

Ilustração ao §. 15.

Como se ha de entender para haver de verificar-se a These de Malebranche, em que afirma vemos tudo em Deus : Omnia nos in Deo videre. Rech. de la Ver. 1. 3. da 2. parte cap. 6.

OS Fundamentos, que produz Malebranche para provar, que todas as cousas vemos em Deus, são dignos da maior attenção ; porém a meu entender sô concluem, que vemos em

Deos as verdades abstractas ; não os corpos , mas as razões delles : o que conhecemos dos corpos por sentimento não he em Deos.

Quem não vê , que aquillo , que os puros animaes conhecem conosco pelos sentidos , não o vêem , nem pôdem ver em Deos , ou nas ideas que nelle estão ? Não solve com a cautella de advertir-nos , que as cousas materiaes se vem , sim , em Deos , mas não se sentem em Deos , porque isto he dizer que as cousas materiaes determinadas , que se conhecem por sensaçãõ , e não em Deos , excitaõ as razões universaes abstractas , e intelligiveis ; mas daqui se não segue que todas as cousas se conhecãõ em Deos ; antes se segue que muitas são conhecidas , e vistas por outro modo , a saber as determinadas , particulares , e existentes.

Nem adianta nada o dizer , que em todo o conhecimento do objecto material ha duas cousas , sensaçãõ confusa , e idea clara ; porque esta resposta , ainda sendo verdadeira , coincide no mesmo ; a saber , que a sensaçãõ do objecto material excita huma verdade abstracta , huma razão intelligivel , a qual tomada em si não he materia , nem corpo determinado , af-

sim

fim como o naõ he a rafaõ do triangulo indeter-
 minado , que foi excitado pela sensaçõ do
 determinado , segundo a confissã do mesmo
 Malebranche : elle diz , que no conhecimento
 dos objectos creados sempre ha contemplaçã
 de algum predicado , que estã em Deos : *Illam
 non videmus nisi ex quarumdam perfectionum ,
 qua in Deo sunt , ex quibus illa repraesentantur
 contemplatione* , pag. 302: e para dizer que tudo
 vemos em Deos , acrescenta elle , basta que
 nesse caso Deos nos descubra alguma cousa que
 nelle estã : *Cum sufficiat Deum nobis pateface-
 re , id quod in se est , quod ad hæc referatur (a)*.
 Porem como abertamente confessa , que esses
 objectos se vêm por sensaçã *lumine* , & *sen-
 su* , e que as nossas sensações pôdem notificar ,
 ou representar á mente a existencia do que se
 sente (b) , dá aqui a entender , que se vêm em
 Deos os objectos creados , quando se vêm in-
 telligivel , e claramente , e naõ quando se at-
 tingem , ou conhecem por sensaçã ; nem isto
 pôde deixar dõ ser affim , protestando Male-
 bran-

(a) Rech. de la ver. c. 6. l. 3. da 2. parte.

(b) Illustraçã ad calcem: *Sensus de existentia rerum judicant.*

branche que elle nunca propugnara, que os objectos materiaes se sentiaõ em Deos; e como este sentimento he o que faz julgar da existencia do objecto sentido, segue-se que nesse caso elle se conhece, mas não em Deos.

Nem faz ao caso, que os objectos sentidos se não conheçaõ pelos sentidos abstracta, e intelligivelmente, se pelos sentidos se conhecem certamente. Que diz aqui Malebranche? Confessa serem muito attendiveis os monumentos, com que se prova a evidencia, ou certeza da existencia dos corpos pelos sentidos; mas não sendo taõ urgentes, que o entendimento não possa retrahir o assenso, he precisa a fé, diz elle, para realizar as suas apparencias, e fazer que fique evidente para nós a sua existencia. Mas o certo he, que, sem esse adjuncto, ella he evidente. Eu, precisa a fé, tenho evidencia da casa em que móro, do quarto em que habito, da cadeira em que me assento para estudar, e da cama em que durmo, e descanso. Dizer neste caso, que o Philosopho nimiamente especulativo pôde retrahir, e não prestar o seu assenso, vindo a ficar elle livre, e não necessario quando o presta, nada conclue

para o argumento de Malebranche ; porque taõ bem o tal Philosopho quando annue á fé , he livremente ; em hum e outro caso , propostos os motivos , pôde haver algum engenho taõ extravagante , que naõ queira assentir ; mas isto naõ tira a evidencia dos motivos em si mesmo considerados. Deos naõ anda illudindo , quando nos impelle para assentir ao que de perto vivamente , constantemente , e uniformemente sentimos, e conhecemos. Agora se a existencia dos corpos naõ se conhece em Deos, e com effeito se conhece pelos sentidos , ha conhecimentos verdadeiros , e certos de muitas cousas que conhecemos , mas naõ em Deos.

Nem he preciso me confôrme com o sentir de Malebranche , dizendo que nós vemos todas as cousas em Deos , quando elle de mil modos applica a extensaõ intelligivel, pag. 185: *Omnia nos in Deo videre , dum Deus mille modis applicat extensionem intelligibilem.* Supponho que Malebranche falla aqui na occasiã que vemos com os olhos corporaes, e neste presuppõsto me naõ posso conformar com elle ; porque os animaes (a) , v.g. linceas, vem taõ bem,

(a) Este argumento he na supposiçã, que as beitas sentem ; na

ou melhor, que nós, os objectos corporaes, e cre-
 ião ninguem dirá os vêm em Deos, ou na exten-
 são intelligivel, que diz Malebranche ser o mes-
 mo Deos. Quero conceder a este Philosopho,
 que o Sol, por exemplo, que nós vemos dentro
 de nós, não seja aquelle que se objecta fóra de
 de nós, *que l'on regarde*, como elle diz, isso
 não tira que essa representação interna, ou Sol
 interno, não seja huma modalidade: chame-lhe
 embora apparencia, huma especie, huma repre-
 sen-

contraria de serem puras machinas não tem vigor; e nesse pre-
 supposto não terá pena de conceder, que nós vemos em Deos de
 alguma maneira o que sentimos, em quanto como diz Malebran-
 che applicamos a extensão intelligivel de varios modos figuravel,
 ou participavel ás creaturas: porém a meu entender isso não he
materialia, & insensibilia videre in Des, saltem determinata, &
existentia; mas conceber diversos modos, ou participações dessa
 extensão excitada pela luz, e côres, ou por outras sensações.

Não quiz negar, mas suppor o sentimento das feras, para que
 não pareceffe hia a fugir a varias difficuldades, principalmente
 sendo tão antiga, cômum, e ainda universal a dita sentença, e
 a contraria muito moderna, e de muito poucos propugnada. Isto
 não he negar, que ella careça de fundamentos dignos da nos-
 sa attenção, mas com tudo solaveis; e Deos até agora não
 quiz ainda illustrar a nossa ignorancia sobre a materia. Perfúade
constantemente o senso commum, que os brutos conhecem seus fi-
lhos, seus donos, seus adversarios, seus semelhantes, os seus
pastos, os seus ninhos. Alem

representação produzida, sem ser preciso recorrer a Deos como objecto archetypo da extensão, ou do Sol. Basta que Deos seja a causa desse effeito creado; pois não he impossivel hum tal representação directa, ou indirecta do Sol, distincta de Deos. Este argumento conclue, ainda prescindindo se os puros animaes sentem ou não, como nós.

Naõ quero negar a Malebranche, que todas as nossas abstracções das cousas, que chamão genericas, e especificas procedaõ da união que

Alem disto talvez não pense mal, quem disser, que a alma dos brutos não he corpo, nem espirito. Veja-se o Diccionario Historico da Religião de Mr. Nonnotte, palavra *Betes*, pag. 133; *Steller Philosopho Alemão*; *Concina Italiano de Relig. revel.* lib. 5. cap. 17. part. 1. O certo he que hum substancia media he possivel. Eu o provo. Entre dois entes positivos, qualquer que sejaõ, medeaõ *in infinitum* entes positivos possiveis: isto só negará o que negar a grandeza, virtude, e extensão da Omnipotencia de Deos. Ora a materia he hum ente positivo, o espirito humano outro diverso; logo entre elles são possiveis entes sem numero positivo diversos. Naõ he isto evidente? O que supposto não deixa de ser muito provavel, que todas as fórmas, que animaõ os irracionais, são outros tantos entes positivos distinctos, e diversos da materia, e do espirito: da materia, porque todos elles são viventes, e a materia de nenhum modo o pôde ser; do espirito, porque nenhum participa da razão suprema, em que consiste o ser racional;

que temos com a razão universalissima, que está em Deos; porém como muitas das razões específicas se nos escondão, tendo não obstante pelo sentidos alguns conhecimentos dos individuos, a quem ellas se referem; segue-se daqui conhecermos muitas cousas determinadas, sem attender ás razões archetypas, que as respeitão.

Por este modo convenho com Malebranche, que tudo vemos em Deos; a saber, tudo o que vemos abstractamente com idea clara, universal, intelligivel, e não tudo o que vemos determinadamente por sentimento sómente, e sensação.

Ten-

nenhum communica com as verdades eternas, como diz Malebranche; nenhum pôde conhecer, e amar a Deos. O espirito tudo isto pôde; por que he espirito; e este predicado he o primeiro pelo qual se approxima a creatura racional ao Creator.

Ninguem que seja sobrio, e cordato até agora concedeo, nem ha de dizer que o elefante, o crocodilo, a aguia são espirituaes; o que poderia afirmar-se com effeito, se tivessem elles alma espiritual; porém do homem ninguem duvida chamar-lhe espiritual. S. Paulo affirm faz, escrevendo aos de Corinto: *Vos qui spirituales estis hujusmodi instruite*: Vós, que sois espirituaes, instruaõ aos outros segundo o munus do espirito &c. &c. Hé immaterial: logo não he materia; segue-se. Hé immaterial: logo he espirito; não se segue.

Quan-

Tenho proposto no que concordo, ou discordo de Malebranche sobre vêr todas as cousas em Deos; em quasi tudo concordo com elle, e talvez não ha já discordia se não aparente.

Vamos agora a examinar se Locke concorda em alguma cousa com Malebranche, ou discorda em tudo. Este Philosopho passados muitos annos, depois de ter escrito o seu *Essai*, lhe veio ás mãos o livro de Malebranche, *Recherchè de la Veritè*, e lendo-o, depois de lhe fazer hum grande elogio no *Exame da Doutrina de Malebranche*, traclado
que

Quanto a Santo Agostinho, com quem se quer fazer muito forte o partido contrario, he certo que elle não poucas vezes disse, que a alma das bestas era espirito. Mas que espirito? Por ventura proprio, ou improprio? Do segundo, e não do primeiro modo. Propriamente espirito, na opiniaõ do Santo, só he o intelligente. *De Civit. Dei* l. 13. c. 22. Em fim tão pouco aprecia o grande Agostinho a opiniaõ da alma das bestas, que se acaso quizerem dizer, que ella está no sangue, *non est in ista questione multum laborandum*: são as palavras formaes, com que se explica. Propugnando assertivamente, que a alma do homem he intelligente, immortal, e espirital; seja, ou se diga sangue a das Feras, pouco importa, diz elle lib. 3. Q9. *in Leviticum*. q. 57.

of the ideas we have, | Labelment: 03

que vêm nas suas obras posthumas, entra no projecto de escrever contra, pelo que respeita a vêr tudo em Deos. Eu tenho em meu poder este tractado em Lingua Ingleza, em que foi escrito, e não vi até agora tradução alguma; he bastantemente comprido, só referirei delle o que me basta para o intento que tenho.

Depois de tocar Locke nos quatro sistemas, que Malebranche rejeita, expôs o do dito Malebranche como a elle pareceo ser da mente do Auctor, não como quem queria segui-lo, mas impugna-lo; e por isso com muita confusão, não lisa, e desembaraçadamente; em fórma

Os brutos, ainda que tenhaõ alguns não as mesmas, mas semelhantes ideas, que tem outros, não poderão livremente communicar-las, e se o fazem he sem arte, he poucas vezes, e em cousas determinadas por hum modo natural, e necessario: a sua sociedade he toda pratica, não theoretica: todos os seus conhecimentos se terminaõ a cousas individuaes, e terrenas, não abstrahidas, e universaes, ou espirituaes; por isso me não atrevo a dizer que sejaõ, ou tenhaõ almas espirituaes. Mas isto, que não digo dos brutos, hei de confessar com S. Agostinho dos homens pelas razões mencionadas; e porque com a idea do ente illimitado tem todos hum fundo das mesmas ideas abstrahidas; e pelo uso dos signaes arbitrarios entendem-se mutua, e livremente, podendo manifestar, se quizerem, os mais occultos, e intimos pensamentos, e vontades.

ma que podia Malebranche dizer o mesmo, que disse na resposta a Mr. Regis: *En argumenta mea aequae solide refutata, ac nitide fuerunt expensa. Tantam profecto in hac oratione confusionem reperio, ut ad ipsam commentandam non possim adduci. Id unum lectores oro, ut evidentiæ soli cedant. Quod si concedant argumenta mea in hoc D. F. . . . capite, intellegere non poterunt, ac proinde nullus verior, ne ea ipsis ibi solide refutata videantur.*

§. 2.

This I observe at the entrance that that P. Malebranche having enumerated, and in the following Chapters shew'd the difficulties of the other ways, whereby he thinks human understanding may be attempted to be explain'd, and how insufficient they are to give a satisfactory Account of the ideas we have,

§. 2.

A minha primeira observação he, diz Locke, que o P. Malebranche (*Recherche de la verité*, l. 3. p. 2. cap. 1.) havendo enumerado, e posto á vista nos Capitulos seguintes, as difficuldades dos outros caminhos, pelos quaes julga que o entendimento pôde ser attingido, e cabalmente analysado;

effects this of *Seeing all things in God* upon their ruine as the true, because it is impossible to find a better. Which Argument so far being only *Argumentum ad ignorantiam* loses all its Force as soon as we consider the weakness of our Minds, and the narrowness of our capacities, and have but Humility enough to allow that there may be many things which we cannot fully comprehend, and that God is not bound in all he does to subject his ways of operation to the scrutiny of our Thoughts, and confine himself to do nothing but what

we

achando que todos elles são insufficientes para dar hum desenho exacto das nossas ideas, erigio sobre as ruinas o systema da *Visão de todas as cousas em Deus*, como o mais verdadeiro; pois que não sen parecer he impossivel dar com outro melhor. Este argumento, tão longe de ser *argumentum ad ignorantiam*, perde toda a sua força, huma vez que considerar-mos a fraqueza dos nossos espiritos, a estreiteza da nossa capacidade; e tivermos bastante humildade para conceder, que muitas cousas há, que não podemos inteiramente comprehender,

der,

we must comprehend. And it will very little help to cure my ignorance, that this is the best of four or five Hypotheses propos'd, which are all defective; if this too has in it what is inconsistent with it self, or unintelligible to me.

der?, que Deos não he limitado nas suas obras, para que haja de sujeitar suas maneiras de obrar ao exame dos nossos pensamentos, e se apraze a fazer unicamente aquillo, que he proprio da nossa comprehensão. Assim he fraquissimo motivo para curar a minha ignorancia o dizer, que esta he a melhor das quatro, ou cinco hypotheses propostas; pois que todas são defeituosas, tanto por incompativeis nos seus principios, como por inintelligiveis para mim.

§. 3.

The P. Malebranche *Recherche de la vérité*, l. 3. p. 2. c. 1. tells us that whatever the Mind perceives *must be actually present and intimately united to it*. That the things that the Mind perceives are its own sensations, imaginations, or notions, which being in the soul the modifications of it, need no ideas to represent them. But all things exterior to the soul we cannot perceive but by the intervention of ideas; supposing that the things themselves cannot be intimately united to
the

§. 3.

O P. Malebranche, na sua obra (*Rech. de la vérité*, l. 3. p. 2. c. 1.) diz-nos, que para o espirito perceber qualquer cousa, *he necessario que esta lhe esteja actualmente presente, e n'uma estreita, e intima uniaõ*. Que tudo aquillo que percebe o espirito, ou são *sensações, imaginações, ou noções*, as quaes sendo modificações da alma, por isso mesmo não lhe são precisas as ideas para as representar; porém que todas as cousas exteriores ao espirito nós não as podemos perceber se não houver intermediação de ideas, na supposição que

the soul. But because spiritual things may possibly be united to the soul, therefore he thinks it probable that they can discover themselves immediately, without ideas; though of this he doubts, because he believes not there is any substance purely intelligible, but that of God; and that though spirits can possibly unite themselves to our Minds, yet at present we cannot entirely know them. But he speaks here principally of material things, which he says certainly cannot unite themselves to our souls in such a manner as is necessary that it should

que os objectos externos não podem estar intimamente unidos com elle. Então na hypothese que as cousas espirituas podem possivelmente estar unidas com o espirito, consequentemente elle julga muito provavel, que estas podem aclarar-se immediatamente a si mesmas sem ideas; ainda que parece duvidar disto, em razão de crer, que sómente ha huma substancia puramente intelligivel, qual he Deos; por isso, posto que os espiritos possivelmente se possam unir com a nossa alma, presentemente nós não os podemos inteiramente comprehender.

should perceive them; because being extended, the soul not being so, there is no proportion between them.

§. 4.

This is the sum of his Doctrine contain'd in the 1st ch. of the 2d. part of the 3d. book, as far as I can comprehend it. Wherein, I confess, there are many expressions, which carrying with them into my Mind no clear ideas, are li-

Alem

F

ke

Alem disto no mesmo lugar diz, que certamente as cousas materiaes não podem unirse com o espirito do modo que he necessario, para que elle as perceba; pois que sendo extensas, e a alma não, não tem proporção alguma entre si.

§. 4.

Tal he a summa da sua Doutrina contêda no 1.º capitulo da 2.ª parte do 3.º livro, seguindo eu pude comprehendê-la. Em todo elle eu confesso, que ha muitas expressões incoherentes, que, não podendo dar idéas claras ao meu espirito,

should

fão

ke to remove but little of my ignorance by their sounds: v. g. *what it is be intimately united to the soul?* What it is for two souls or spirits to be intimately united; for intimate union being an idea taken from bodies, when the parts of one get within the surface of the other and touch their inward parts? What is the idea of intimate union I must have between two beings, that hath neither them any extension or surface? And if it be not so explain'd as to give me a clear idea of that union, it will make me understand very little more of the

na-

faõ bem pouco capazes de remover a minha ignorancia: v. g. que vem a dizer estas palavras: *estar intimamente unido ao espirito?* Como podem estar dois espiritos intimamente unidos, quando esta intima uniaõ he huma idea tirada somente dos corpos, cujas partes podem sem difficuldade tocar-se com as superficies humas dos outros? Poderá haver idea de intima uniaõ entre dois seres, que não tem extensaõ, nem superficie? Ora pois se tal explicaçaõ não pode dar-me huma idea exacta desta uniaõ, hei de perceber hum pouco melhor a natureza

F 2

das

nature of the ideas in my Mind, when tis said I see them in God, who being *intimately united to the soul* exhibits them to it; than when it is only said they are by the appointment of God produc'd in the Mind by certain motions of our bodies, to which our Minds are united. Which however imperfect a way of explaining this matter, will still be as good as any other that does not by clear ideas remove my ignorance of the manner of my perception.

das minhas ideas, quando afirma que as vejo em Deos, o qual *pela sua intima uniaõ ao espirito* mas aclara; do que dizendo-me, que saõ produzidas no meu espirito por vontade de Deos, porem por occasiã de certas moções dos nossos corpos, a quem estaõ unidos os espiritos. Naõ obstante ser imperfeitissimo este caminho para desenvolver a materia que tratamos, todavia he taõ bom como qualquer outro, que por ideas confusas igualmente me quizer remover a ignorancia sobre o meu modo de perceber.

§. 5.

But he says that *certainly material things cannot unite themselves to our souls*. Our bodies are united to our souls, yes; but, says he, not after a manner which is necessary that the soul may perceive them. Explain this manner of union, and shew wherein the difference consist between the union necessary and not necessary to perception, and then I shall confess this difficulty remov'd.

The

§. 5.

Diz ainda mais, que certamente as cousas materiaes não podem unir-se por si mesmas aos nossos espiritos. Porém que os nossos corpos estão unidos com elles, o que não deixa de confessar; mas a isto então responde, não ser do mesmo modo, que he necessario para que a alma os perceba. Se o P. Malebranche me explicasse a maneira desta uniaõ, e me mostrasse a differença, que ha entre uniaõ necessaria, e não necessaria para a percepçaõ, nestes termos confesso que ficariaõ acabadas todas as minhas difficuldades.

The reason that he gives why *material things cannot be united to our souls after a manner*, that is necessary to the souls perceiving them, is this, *viz.* That *material things being extended, and the soul not, there is no proportion between them.* This if it shews any thing shews only that a soul and a body cannot be united, because one has surface to be united by, and the other none. But it shews not why a soul united to a body, as ours is, cannot, by that body, have the idea of a triangle excited in it, as well as by being united to God (between

A razão que dá porque as cousas materiaes não podem estar unidas ao nosso espirito, do modo que he necessario para que elle as perceba, he esta: *que as cousas materiaes sendo extensas, e o espirito não, nenhuma proporção tem entre si.* Isto se alguma cousa mostra he fômente, que o espirito, e o corpo não se podem unir, porque hum tem superficie, e outro não. Porém não mostra o motivo, porque o espirito unido ao corpo, assim como está ao nosso, não possa pelo mesmo corpo ter idea de hum triangulo, que se-lhe excita, do mesmo modo

tween whom and the soul there is as little proportion, as between any creature immaterial or material and the soul) see in God the idea of a triangle that is in him, since we cannot conceive a triangle, whether seen in matter, or in God, to be without extension.

do que estando unido a Deos, (entre o qua, e o espirito ha taõ pequena porporçãõ; assim como entre huma creatura immaterial, ou material, e a nossa alma) vê no mesmo Deos a idea do triangulo que se-lhe representa; visto que nõs naõ podemos conceber hum triangulo sem extensãõ, quer o vejamos na materia, quer em Deos.

Isto he o que diz Locke. Vamos a examinalo. He verdade que Malebranche assevera, que o ser supremo está intimamente unido á alma; e que esta uniaõ; que ella tem com o ser supremo e universal, he maior do que a uniaõ que tem, ou pôde ter a dita alma; ou espirito creado com os corpos. Até aqui naõ ha cousa que se naõ perceba, que tenha obscuridade alguma. Resta saber, se isto, que expõe Male-
bran-

branche, he verdadeiro. Prova elle, que a união, que tem os espiritos creados com o Ser Divino, he maior, que a que tem os espiritos com os corpos; e diz assim. = Como esta união com os corpos, qualquer que seja, não pôde instruir a alma de cousa alguma intelligivel, e a união com Deos pôde; segue-se que he maior a união affectiva, e espiritual, que tem Deos com os espiritos, do que a que tem os espiritos com os corpos. Tire Locke a preocupação em que está, de que toda a idea de união he tirada sómente dos corpos (a).

Bem contigua, e talvez penetrada está a glandula pinneal á alma, e com tudo não conhece ella a estrutura dessa glandula. Logo para communicar a percepção não basta qualquer união material, he necessario que seja proporcionada, e concorde com as leis de representar, que Deos pôs entre corpos, e espiritos. Para o dizer em huma palavra: os corpos não são luminosos, nem intelligiveis por si, e se na sua presença em proporção se produz alguma percepção, ou sensação, he occasionalmente por lei, e não virtude propria corporal. Pelo contrario, Deos he luminoso,

(a) Núm. 4.

e apto para per si instruir, e illuminar.

Não se pôde logo negar, que esta uniaõ com Deos he maior que aquella que tem, ou podem ter os espiritos com os corpos, e ainda os espiritos com outros espiritos creados. A uniaõ que eu tenho, diz Malebranche, com o meu amigo, não me dá a conhecer evidentemente o que elle quer, e conhece; posso fim conjectura-lo, ou dar-lhe credito, e dahi não passa: agora a uniaõ, que eu tenho com Deos, evidentemente me manifesta, do que Deos ama, e conhece: conheço que elle conhece, e quer a rectidão, e a boa ordem, que por ella, e conforme a ella obra tudo o que faz. Conheço que elle só quer que sigamos esta ordem. Conheço que elle abomina a desordem nas suas creaturas, e que não pôde deixar de aborrece-la. Muitas mais cousas alcanço que Deos ama, e conhece, e com esta evidencia não alcanço o que o meu amigo ama, e penetra; e se na uniformidade de conhecer, e amar está a uniaõ dos espiritos (affectiva se entende); mais se une o meu espirito com o Ser Divino, do que com outra qualquer cousa creada.

Se me dizem, que tudo isto, que eu conhe-

ço, que Deos conhece e ama, são os princípios da Lei natural *per se notos*, eu não o nego; mas infiro que estes principios verdadeiros notos se conhecem em Deos; porque conhecendo o Ente perfeito, conheço que nelle está esta rectidão, e ordem, que he, ou donde dimana toda a Lei natural. Não se pôde negar, que em Deos está a ordem, e que Deos a conhece, e ama. Por ventura isto he escuro de perceber? Não. Para que diz logo Locke, que esta uniaõ com o Ente Supremo, ou com Deos, não pôde entrar na sua percepção, ou não remove a sua ignorancia? Ha cousa mais clara, e arrafoada?

Queria Locke que Malebranche lhe explicasse a differença da uniaõ necessária, e não necessária para a percepção na alma a respeito dos corpos. Malebranche não falta a desembaraçar a materia, dizendo, que todos os corpos são inertes; e por isso, ainda que se unaõ por algum modo, ou fação presentes por penetração, ou contiguidade, nunca poderão instruir a alma, ou produzir nella alguma percepção; e se resulta desta uniaõ ou approximação, he por occasião, ou por lei, e não por virtude causa-

tiva da materia, ou cousa material; ella, ainda que esteja disposta em varias figuras, não se figura per si, nem por si se move localmente, muito menos poderá produzir no espirito hum modo espiritual, qual he a percepção dos objectos distinctos da dita alma. Pelo contrario, Deos he intelligivel, e pôde fazer perceber-nos as verdades, que tem em si representadas: quando o faz, verdadeiramente se une conosco fazendo-nos amar, e conhecer o que está na sua mente, e no seu Verbo, o que he capaz de obrar nos nossos espiritos.

Isto parece ser tão claro, e certo, como admiravel. Deixe-se Mr. Locke levar desta evidencia, e não dirá, que a explicação de Malebranche não pôde fazer remover a sua não affectada ignorancia, por não entrar na sua percepção. Quer saber Locke, e pergunta: Porque não pôde a alma pelo corpo instruir-se da ração do triangulo, e pôde pela uniaõ com Deos? A disparidade está dada: a uniaõ com Deos artificece supremo faz vêr nos principios de Malebranche, como nelle se pôde manifestar ao nosso entendimento a ração do triangulo

gulo (a); a uniaõ com o corpo naõ tem de si esta prerogativa, precisa a Lei, e influxo superior.

Locke naõ póde despir-se da nimia adhefaõ, que tem a fazer os corpos activos, e seguir aqui o systema, ou hypothese dos Philosophos materialistas, como elle mesmo confessa. Malebranche tem systema totalmente contrario: agora, qual delles está adherente a melhor partido, julguem os peritos.

Naõ me culpem o dizer, que Locke segue o systema dos Materialistas, elle mesmo he quem o confessa por estas formaes palavras tiradas do l. 4, cap. 3, §. 16 *de l' Evidence de le connoissance humaine. J' ai suivi en cette occasion l' hypothese des Philosophes Materialistes, come celle qui nous peut conduire plus avant, e qu' on croit dans l' explication intelligible des qualitès de corps.*

Naõ obstante a nimia adhefaõ, que confessa ter Locke á Philosophia dos Materialistas quan-

(a) A differença do sentimento ao pensamento, ou do triangulo sentido ao entendido, confundio Prothagoras, conheceo Aristoteles, explanou acertadamente o auctor da nota, que se fez sobre o sentido de Pope, e se lê tom. 3. epist. 1. p. 17, *Essai sur l' homme*, Amastordam 1767.

to á actividade dos corpos, elle sabe fazer differença entre as verdades physicas, e mathematicas. Diz que a Physica porque se funda toda em experiencias, e historia, apenas se pôde chamar sciencia, e que tem grande differença da Mathematica. Nesta Faculdade as verdades são claríssimas, e os seus objectos, sem supposição alguma, sempre verdadeiros, e inalteraveis; pois nem Deos pôde fazer que os tres angulos do triangulo não sejaõ iguaes a dois rectos; e que dois, e dois não sejaõ quatro. A verdade he, que quanto á Physica a experiencia vale muito para discernir as leis da natureza sobre os movimentos, e suas direcções, e cõmunicações, sobre o peso, e seus equiilibrios &c., tudo fundado na livre vontade de Deos, que pôs essas leis, como quiz, e as pôde alterar a seu arbitrio.

Mas eu aqui sem passar adiante pergunto: E quaes são as ideas, que contempla a Mathematica, tão claras, e seguras, e tão inalteraveis? Não são as experimentaes, e historicas proprias da Physica, como diz Locke: logo são de ordem mais elevada, superiores á historia, e á experiencia. Diga Locke o que deve dizer;

diga que são os archetypos que estão na idea, ou mente divina: nem podem deixar de ser outros, porque dizer, que as taes ideas objecto da Mathematica são só imaginarias sem realidade alguma, he dizer que a Mathematica, e suas verdades são só imaginarias, e phantasticas, e por conseguinte chimeras. Seria hum grande absurdo dizer, que essas verdades são só da imaginação humana. Se a Mathematica prescindir de materia, não prescindir de realidade. Não he preciso que a figura, que o Mathematico contempla, tenha existencia *in rerum natura*, basta que tenha existencia no archetypo; advertindo que este não he o decreto divino; porque a verdade das figuras he anterior ao decreto livre, como notou Malebranche.

Esta he a differença das cousas creaveis, e das cousas divinas; que as primeiras, sem terem existencia *in rerum natura*, podem ver-se nas razões archetypas; e as segundas, se se vêem, e percebem, forçosamente ha-de ser em si mesmas, porque não tem, nem podem ter exemplar: e por isso o conhecimento que precede á idea do ente infinito, ou necessario, argue

argue delle evidentemente a sua real existencia (a). As figuras angulares, e triangulares, que contempla o Mathematico, não he necessario que tenhaõ existencia *in rerum natura* para se conhecerem, ainda que he necessario que tenhaõ verdade representativa, ou causa no archetypo, ou exemplar. Isto supposto, e bem entendido, o argumento de Malebranche he, ou foi *ad ignorantiam*; porque lançou fora todos os outros systemas, a saber quatro (b). Subro-

(a) J'appercois l' infini, dit Malebranche; or rien de fini ne peut l' representer: Donc je l' appercois en lui meme: Donc il existe: Mr. Camuffet, *Princ. cont. l' incredulité*. O mesmo auctor diz, que o conhecimento não he a representaçõ; mas hum sentimento sublime, ou percepçãõ da idea. 37.

(b) 1.º Dos Peripateticos, fundados em que as cousas corporaes produzem especies representativas.

2.º Que a alma tem virtude de produzir ideas.

3.º Que percebemos os objectos por ideas com nosco creadas.

4.º Que a alma, considerando nas suas perfeições, alcança a noticia das essencias, e existencias.

Ha outro systema, que não desagradará a Malebranche. Para as funções animaes depende o animal dos objectos, que lhas occa-sionaõ, e não produzem. Para as funções da ração depende o racional no presente estado de uniaõ das sensações, que lhe excitaõ as ideas, mas não produzem, nem são dellas constitutivo, sim excitativo.

gou o seu , o qual , impugnados todos , devia ser admittido.

Naõ se persuada Locke , que he por falta de methodo , naõ fazerem os Physicos os grandes progressos , que fazem os Mathematicos ; he por falta de ideas archetypas , e intelligiveis das substancias physicas , e das qualidades , ou modos intrinsecos da materia. Tem sim algumas , chamemos-lhe assim , ideas , mas conjecturaes , e experimentaes , naõ intelligiveis , e luminosas . Tem supposições , que se verificaõ com as experiencias , e nellas fundados formaõ os principios , que saõ verdadeiros , mas naõ ineluctaveis ; porque se fundaõ nas supposições , e nas leis constantes sim , mas livres ao Legislador.

Finalmente he bem notorio , que o systema de Malebranche todo he fundado , naõ nas modificações , ou modalidades da alma , mas nas ideas , que chama archetypas , ou razões das cousas , que tem o seu assento no Ente Creador Supremo. Daqui vem o dizer elle , que todas as cousas vemos em Deos. A estas razões archetypas semente dá o nome de ideas. Naõ obstante, quer instruir-nos Locke, que diz
Ma-

Malebranche, que tudo aquillo, que percebe o espirito (a), são *senſações, imaginações, e noções*, ſem fallar aqui n'efte compendio de conhecimentos nas *ideas*, que Malebranche chama archetypas proprias do ſeu ſyſtema. Tambem advirto que a palavra *noções*, pode ter varios ſentidos contrarios ao ſyſtema do auctor. O peor he que não tem ſomente palavras equivocas, mas orações, como eſta: *vêr na materia (b)*, que eſtá em Deos. Melebranche nunca diſſe que a materia eſtava em Deos, mas ſim a rafaõ, e idea d'ella.

Sendo iſto verdade Locke não refere ſinceramente o ſyſtema do livro *Rech. de la verité*. Pelo que ſe vem a concluir, que o mais que elle diz no ſeu longo tractado, não he impugnação do verdadeiro, mas do ſuppoſto Malebranche. É eſta a rafaõ porque o omitto, e não me applico mais a expo-lo, ou impugna-lo; advertindo porém aos Leitores do tal tractado, que dem ſomente aſſenſo á evidencia.

Mas a evidencia não vem fó dos ſentidos, procede tambem da rafaõ, e muito mais da

G

re-

(a) num. 3.

(b) num. 4, ad calcem.

revelaçãõ. O cavalleiro Ramsfay, na carta a Mr. Racine pag. 218, nota entre outras cousas ao seu compatriota Locke de genio superficial, talvez por não reconhecer outras ideas, que as sensações, pertendendo que d'ellas se formãõ todos os nossos conhecimentos, até do infinito, pela virtude, diz elle, que tem o entendimento de accrescentar sem termo. Mas o certo he, que os sentidos podem sim desfigurar, não figurar o *infinito*, o *eterno*, o *incommutavel*. Ouçamos repeti-lo com elegancia a Mr. Racine no seu Poema sobre a Religiaõ.

*Quelle main, quel pinceau dans mon ame à tracé
D'un objet infini l'image incomparable?*

Ce n'est poin à mes sens que j'en suis redevable.

*Mes yeux n'ont jamais vû que des objets bornés,
Impuissans, malheureux, à la mort destinés.*

*D'un Maître souverain redoutant la puissance,
J'ai, malgré ma fierté, senti ma dependance.*

*Nous pouvons, je l'avoue, esclaves de nos sens,
De la Divinité desfigurer l'image (a).*

(a) Canto 1. pag. 35, 36. Na nota a este Canto impugnando a Locke diz: *Le fini suppose l'infini, cõme le moins suppose le plus; ainsi nous ne nous trouvons fini, que a cause de l'idée de l'infini qui est en nous.*

O mesmo Racine na Carta a Mr. Roussseau depois de declamar contra a fatal luz de Locke, e acclamar o P. Malebranche pelo maior dos seus meditativos (a), diz delle:

*Qui dans le sein de l'etre, en qui tout est visible,
Contemploient l'etendue, immense, intelligible,
Archetype, en qui seul j'e vois, sans le scavoir,
Les objets qu'ici bas de mes yeux je crois voir.*(b)

Na verdade a noticia, e percepção; que temos do ente illimitado com quem nos unimos he quem nos enriquece de conhecimentos sublimes. Esta idea do sobredito ente contém em si todas as luzes, e quem as observa; e segue, alcança por descenso a noticia dos entes particulares; que são huma como limitação da idea universalissima do ente: a virtude d'esta idea he quem nos constitue racionais, e faz que possamos distribuir em generos (c), especies; e individuos; e por esta razão dizia Malebranche, que tudo viamos em Deos;

G 2

mas

(a) Do mesmo parecer he Nonnote. T. 4, pag. 64.

(b) Pag. 209; nova edição a Rouen, 1786.

(c) Mal. de inq. verit. 5; lib. 3. c. 6.

mas diria melhor, que tudo n'elle podiamos ver, se ella nos fosse perfeitamente comunicada. Sempre com effeito se nos cõunica, mas naõ em toda a sua extensaõ, e virtude; sempre que raciocinamos rectamente, d'ella somos socorridos; mas naõ podemos rectamente raciocinar em tudo, porque naturalmente naõ nos illustra para conhecer tudo.

Eu naõ quero attribuir a fonte de todos os nossos conhecimentos só aos sentidos, nem taõ pouco somente á rafaõ natural. Por esta causa se naõ deve attender ao que diz o Lord Herber de *Religione Gentilium*, nem taõ pouco ao Dr. Predal' no livro intitulado, *Le Christianisme aussi ancien que le monde*, com outros Inglezes inimigos da Revelaçã, que exaltando nimiamente a rafaõ fomentaõ o Atheismo, e Anarchia, dois monstros capazes de destruir com o tempo toda a sorte de ordem, e substituir em seu lugar huma scena universal de licença, e confusaõ. Quem naõ vê, que a Revelaçã pela sublimidade dos Dogmas se eleva acima de toda, e qualquer actividade da rafaõ, e da Philosophia natural? E por isto esta se deve sujeitar á Theologia, e naõ a con-

tradizer, regra que se propoz observar sempre Pope, que todos tem por defabulado. Ouvî-o dizer ao seu Traductor (a): *Mr. Pope écrit en Philosophe Chretien, qui par le lumiere de la Raison dispose les esprits a recevoir favorablement les lumieres de la Foi, e qui finit precisement ou le Theologien doit commencer (b).*

Por remate não deixarei de dizer, que se os discipulos de Locke, e do Abbade Condillac

cara-

(a) Discours preliminaire pag. 144. Amsterdam 1768.

(b) Este Poeta faz como fallar os entes não só animados, mas inanimados, e discorre dos effeitos, que se deixão vêr da nossa dominante inclinação. Pelo que respeita a Deos, diz o Poeta, que tudo he bem, que sabe dos males tirar bens. Tudo he bem ordenado a respeito d'este soberano ente; mas não em quanto á cousa em si mesma considerada, e a respeito do homem. Epist. 2. pag. 119, tom. 3. *Essai sur l' homme. L' Eternel artisan, que tirá tout de rien, = Et qui du sein du mal fait eclore le bien.* Pelo que diz ordem á ração, o Poeta lhe dá a primazia sobre a dominante paixão: *Si le penchan au mal d' un cote nous incline, = De l' autre la Raison au bien nous determine.* Epist. 3, pag. 133, tom. 3. Porém como em muitas d'estas fallas, e effeitos da paixão dominante da creatura se deixão ouvir cousas desordenadas, e ainda impias; vêm agora os leitores com menos intelligencia, e se persuadem serem sentimentos do Auctor, e assim o criticaõ. Mas o Cavalheiro Rampfay como concurrente, e da mesma lingua, o entendeo melhor, e faz a sua apologia, pela qual se deve estar, e não pelas vozes vagas, e más intelligencias de alguns, principalmente estrangeiros, seus expositores, ou contradictores.

caracterisaõ os oppusculos de Malebranche de sublimes illusões; os sequazes de Malebranche perdoando a Locke pelo elogio, que faz ao livro *Recherche de la verité*, acclamaõ a obra Statuaria de Condillac por huma colleçaõ de sonhos d'hum homem nimiamente imaginativo, que depois de acordado, ajuntando prolixamente todos esses sonhos, os deu á luz em hum codigo, ou corpo statuario dividido em quatro partes com o titulo de *Estatua*, subentendendo *homem* (a). Porém o douto Abbade, como verdadeiro Catholico que he, admitindo abertamente a espiritualidade d'alma do homem, faria melhor a meu ver, se naõ formalizasse algumas palavras artificiosas, como *homem statua*, ou *homem machina*; e se abandonasse naõ só o dogma, mas tambem a fraze, que aventuraõ alguns Philosophos menos seguros, e muito atrevidos, pertendendo

por

(a) Podiaõ tambem dizer, que a verificar-se o que diz o douto Abbade tom. 3, pag. 406, ser a idea de Deos confiada das ideas particulares, e naõ extender-se o nosso conhecimento ao que he substancia, ou natureza; segue-se naõ termos conhecimento algum de Deos, pois nelle naõ ha accidente; e por conseguinte, que se naõ demonstra a existencia de Deos, mas hum confiado de perfeições particulares, o qual dista infinitamente do Ser Divino.

por esse modo desnaturalizar da humanidade alguns predicados, que pertencem á immortalidade da sua alma, e introduzir n'elle huma vida puramente animal, só differente da dos brutos na maior, ou menor sagacidade, e astucia.

A Pópe se arguio (com rasoão, diz o Traductor) que na descripção das estatuas do templo de *Renommée* descreveo cousas, que a escultura não representava. Ora ajuntar dormente, e acordado, quedo, em pe, e deambulando, como pode ser? Com tudo com estes, e outros predicados incompetentes, erigirão os Philosophos imaginarios as suas estatuas nos jardins amenos, e fragantes da sua phantasia (a).

Creio

(a) No quinto tomo das obras de Pópe pag. 97 se acha a copia de huma carta, que a Sociedade dos Espiritos fortes de Inglaterra escreveu a Mr. Martenne Scriblerus, convidando-o para seu socio. Nella se diz como hum dos seus membros, grande Artista de Nuremberg, tem a incumbencia de fabricar huma estatua hydraulica, na qual hum licor chimico semelhante ao sangue ha de atravessar os canaes elasticos semelhantes ás arterias, e veias por meio de huma peça tal como o coração... &c. Nós estamos persuadidos, dizem os socios, que este homem artificial da nossa invenção não só andarás, fallará, e exercitará todas as funções

Creio que esta invectiva das estatuas philosophicas he fomite destinada para persuadir a opiniaõ , que todas as nossas ideas nos vem dos sentidos ; mas o auctor da arte *cogitandi* diz, que ella he absurdissima , e não menos adversaria á Religiaõ , que á sam Philosophia : *Audaeter dicam absurdissimam esse , & non minus Religioni , quam sanæ Philosophiæ adversari.* Esta a ração porque a impugno , e não para obscurecer o nome dos que com recta intençaõ a persuadem. Pag. 8 , da Edição de Veneza 3.^a

Ilustração ao Artigo 2.º da 2.ª parte , em que se mostra a impossibilidade de huma creatura eterna.

A Ristoteles propugnou , que o mundo era eterno: os nossos Peripateticos, querendo adocar

funções animaes , mas posto em cadeira arrefoarã tambem como os Curas das nossas aldeas. A estatua até agora não appareço , nem ha de apparecer ; pois diz o anotador do Capitulo , que todo elle era huma engenhosa critica contra Mr. Collins , que teve a temeridade de impugnar com frivolas bagatellas os solidos argumentos de Clarcke , com os quais mostra que a alma não he qualidade.

çar este notavel erro do seu muito presado mestre, disserão que não era eterno, mas que o podia ser; e quasi todos affirmão, que he possível huma creatura eterna. Procede este sentimento da impropriissima noção, que se formaõ da eternidade. Ella não he successiva como o tempo, que tem indispensavelmente antes, e depois; a eternidade porém nem tem antes, nem depois; he huma permanente duração.

Se he successivo ha-de ter principio, e pôde ter fim, verificando-se sempre n'elle, *nunc est, antea non erat*. Como há pois a eternidade regular-se por este successivo? Para que he logo dividi-la em duas partes, *ante, & post, prius, & posterius*? Não são porventura estes termos proprios do temporal, e improprios do eterno?

Viraõ os Santos, e antigos Padres, a força d'este argumento demonstrativo, e por isso inferiraõ, que o Verbo Divino era Deos verdadeiro, pois eternamente gerado. Os Arianos, como versados na Philosophia, negavaõ a eternidade do Verbo, dizendo ser *de non extantibus* gerado, mediando tempo em que não fora.

Pois

Pois bem viaõ , como Philosophos , que , se deixassem a eternidade ao Verbo Divino , deviaõ consequentemente confessar a sua Divindade.

Naõ obstante vem os Peripateticos dizendo , que lhe assignemos a repugnancia , que tem o poder Deos crear huma creatura eterna. Eu convenho n'isso , e me valho do argumento com que os nossos Philosophos , e Santos Padres arguem a Democrito , e mais impios , que disseraõ , que a materia , e movimento saõ eternos.

Se o movimento dos entes fosse eterno , toda a duraçaõ possivel estaria ja concluida ; naõ existiriaõ agora mais entes em movimento. E porque ? Porque a materia teria subido huma infinidade de movimentos successivos, ou de mudanças: pede huma infinidade de instantes , que igualaõ evidentemente a eternidade , e infinidade completa : e o passado, o presente, e o futuro naõ contem mais seculos do que contem huma infinidade de instantes. Para perceber-se a força do argumento, naõ he preciso suppor huma infinidade de creaturas eternas ,

bastá

bastar suppor huma só , de quem se verificasse esse predicado (a).

Dizem que a eternidade de Deos tem a mesma difficuldade ; mas não dizem bem , porque a eternidade de Deos he permanente , e a supposta das creaturas havia de ser successiva. Nenhum tempo , ou creatura temporal , pois tudo he o mesmo , se pode commensurar com a eternidade ; esta he antes de todo o tempo preterito , presente , futuro , e ainda possivel : logo nenhuma creatura pode ser eterna , ha-de ser necessariamente depois da eternidade ; he essencialmente successiva , não só depende da sua causa *in fieri* , mas *in conservari* , e se Deos levanta , ou suspende a ação conservativa , desapparece. Isto supposto , só existe de presente no instante *nunc* , nos instantes passados ja não existe , nos futuros ha-de existir successivamente , mas ainda não existe ; e por isso não disse mal quem affirmou , que do tempo só temos o *nunc* presente : *De tempore non habemus nisi nunc* : e melhor Manillio : *Vituri semper agimus , nec vivimus unquam*.

Se

(a) Mr. Camusset , pag. 7.

Se me dizem, que não fallaõ na eternidade de Deos, que he permanente, mas na eternidade successiva, pela qual regulamos o nosso tempo; respondo, que esta eternidade successiva, e participada, só pode ser, como dizem, syncategorematica, isto he, cousa indefinida, de tal forma que nunca se verifique hum infinito verdadeiro, a que chamaõ categorematico. Se dizemos, que primeiro se conhece o illimitado que o limitado, não he por certo o tempo illimitado, e infinito, o que nós attingimos, e tomamos por esse ser illimitado, que tocamos com o entendimento; pois nenhum tempo pode ser illimitado, e infinito, quando todo elle he essencialmente finito, limitado, ou limitando.

Todo o erro está, em que estes Philosophos fingem a eternidade como hum ponto muito remoto, que chamaõ *ab eterno*, e d'elle querem designar a sua carreira, ou computação, quando tal ponto não ha. A eternidade he hum como *nunc* permanente, sempre presente, superior a toda a mutação, e successão.

Alem d'isto se Deos produzisse o mundo

ab aeterno, ou o havia de crear existente, ou coexistente, ou ainda não existente a si mesmo; de nenhum modo pode ser, pois se o creou existente, debalde o creou; se coexistente, da mesma forte, pois não podia crear aquillo que existia, ou coexistia com elle; logo resta que o creasse, não existindo elle ainda, logo não podia ser *ab aeterno*.

Oh? e que barrancos não tem que saltar! Que consequencias não tem que admittir esses propugnadores da possibilidade do mundo eterno? Concedem que pode haver tempo eterno, horas eternas, seculos eternos ja passados; que hum infinito pode ser maior que outro; que este maior he igual á sua parte; que Deos, que pode crear hum ente eterno, não o pode destruir senão passada huma eternidade, por não ajuntar na dita eternidade a creação, e destruição. Porventura não parece hum desvario da razão conceder semelhantes consequencias? A' alma nativa, e espontaneamente se offerecem as verdades contrarias, assim como se offerece taõbem que a infinidade, eternidade, e omnipotencia são attributos só proprios de Deos mutuamente convertiveis.

Os attributos só proprios de Deos, ainda que pela razão se possa distinguir huns dos outros, conservaõ sempre (seja-me licito dize-lo assim) huma mutua exigencia radical de huns para os outros. He eterno; logo não tem causa antecedente, que o produza; logo he *a se*; sendo *a se* tem toda a perfeição excogitavel, porque não tem quem lha limite. He infinito, logo não tem limite, tem toda a perfeição ...
 ... &c.

Nem aqui se pode trazer a prioridade de natureza; pois esta só he nas emanações, e produções *ad intra*, como dizem; não nas emanações, e produções *ad extra*. Huma natureza, e substancia causada por outra substancia, ha-de ser absolutamente precedida: se no moto local ha-de haver dois lugares reais, porque não ha-de haver no causativo com maior razão dois instantes reais completos, ou dois seres reais com precedencia hum do outro absoluta, e não precisiva. Nem os propugnadores da possibilidade da creatura eterna satisfazem ao argumento, que se tira da auctoridade dos Padres contra os Arianos, com dizerem, que os ditos Padres fallaraõ *de facto*,
 não

naõ *de possibili*; porque para mostrar o contrario, deixando S. Athanasio, S. Basilio, e S. Ambrosio, basta allegar duas passagens de S. Agostinho, huma no capitulo 23 *de Gen. ad lit.* que diz: *Omnino incommutabilis est illa natura Trinitatis; & ob hoc ita aeterna est, ut ei coaeternum aliquid esse non possit*: outra no livro 12 *de Civit. Dei*, cap. 19. que diz: *Tempus autem, quoniam mutabilitate transcurrit, aeternitate incommutabili non potest esse coaeternum.* Do que tudo finalmente se conclue ser inteiramente repugnante a todos os principios da ração, e da auctoridade, a pretendida possibilidade de hum mundo, ou de huma creatura eterna.

Ilustração do Artigo 7.º da segunda parte,
pag. 186.

O Segundo Editor dos pensamentos de Mr. Paschal em huma nota pertende infamar o antigo Povo Hebreo chamando-lhe ignorante, joio, captivo; e para isso se auctorisa com Mr. de Voltaire, que diz o mesmo. A mim naõ
me

me admira , que o sobredito Editor falle deſſa maneira ; pois que , alem de ſer manifeſta , e declaradamente incredulo , he mais audaz , que instruido. Porém Mr. de Voltaire não he ignorante ; como cahio pois logo neſte deſvario ? Foſſe qualquer o motivo , que tivesse , não ficou ſem emenda , e correção. Esta lhe deo o Abbade Guenée em huma excellente obra , que a elle dirigio com o titulo : *Des lettres de quelques Juifs Portugais, et Allemands.* Nella vinga a Nação Hebræa das calumnias , deſpreſos , e contradicções , das frioleiras , e abſurdos , nos quaes cahio Voltaire , entendendo diſſertar contra o antigo Povo de Deos , e Livros ſagrados. Ha poucas obras Polemicas eſcriptas com tanta ſolidez , ſabedoria , e methodo , diz o Abbade de Caſtres , e com elle todos os ſabios.

Voltaire respondeo a eſta obra com diſtérios , e injurias , que he o que faz quem não tem razões ſolidas , com que ſe deſforçe. Não obſtante eſtes inſultos , a obra do Abbade Guenée cada vez he mais applaudida , e eſtimada , e poriſſo ſe tem multiplicado em muitas impreſſões. O ſeu Auctor mostra ter hum amplo
conheci-

conhecimento da historia , particularmente da Judaica : a sua Logica he viva , e concludente, nada tem que se possa lançar fora. A quem parecer que sou encarecido, lêa a dita obra , e ficará satisfeito.

Naõ se pergunta a causa , porque o nosso Editor segundo , em as notas aos pensamentos de Paschal , com os mais incredulos da moda , se empenha tanto em sustentar contra toda a evidencia , que o antigo Povo Judaico era grosseiro , e rustico : tudo isto he para persuadir , que Deos a hum taõ desprezível Povo naõ communicaria as suas leis , e segredos ; naõ advertindo que o Omnipotente pode fazer das pedras filhos de Abraham , e que seja o que naõ he.

Porventura naõ escolheo doze Apostolos illiteratos para primeiros Mestres , e propagadores do Christianismo , gente a mais culta , fabia , e morigerada ? Ninguem o pode duvidar : *Quæ stulta sunt mundi elegit Deus , ut confundat sapientes.*

ADVERTENCIA.

NO PREFACIO pag. XVI. lin. 18. he o melhor *leia-se* o melhor.

Pag. XXIII. na nota lin. 7. jouis l. jouit.

Na Dissertação Pag. 222. lin. 8. Ifaias l. David.

Ibid. Pag. 222. lin. 11. pelo sobredito l. por outro.

No Additamento Pag. 23. lin. 7. nesta l. esta.

Ibid. lin. 8. exista l. excita.

Pag. 24. lin. 11. avont l. avons.

Ibid. lin. 16. feron l. ferons.

Pag. 48. lin. 4. wahtever l. whatever.

Pag. 50. lin. 8. ist l. Ist.

Pag. 51. lin. 5. Wthat l. What.

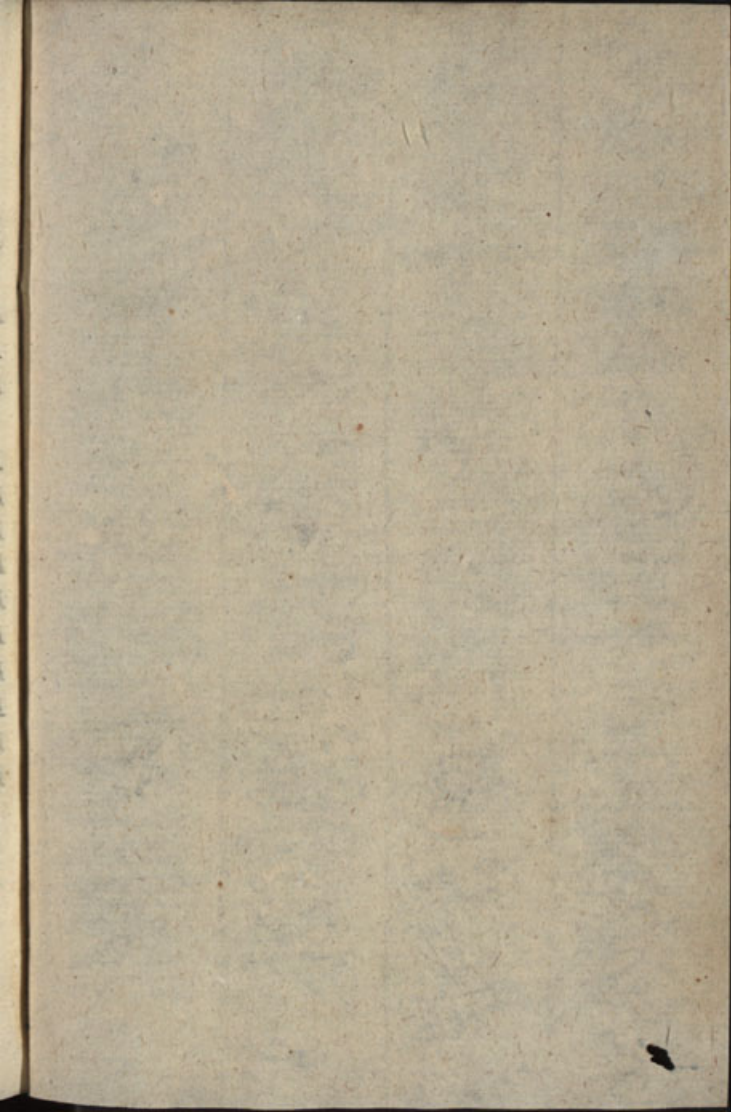
Pag. 55. lin. 2. entre o qua l. o qual.

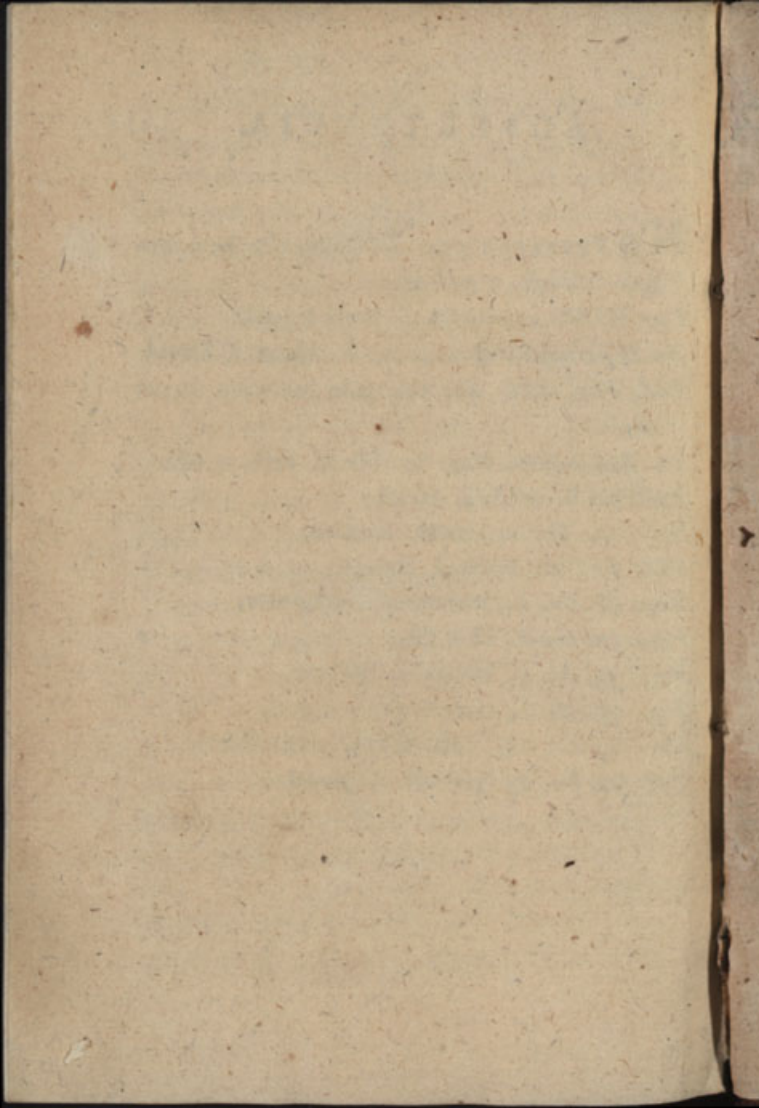
Pag. 60. lin. 14. conoiffane l. conoiffance.

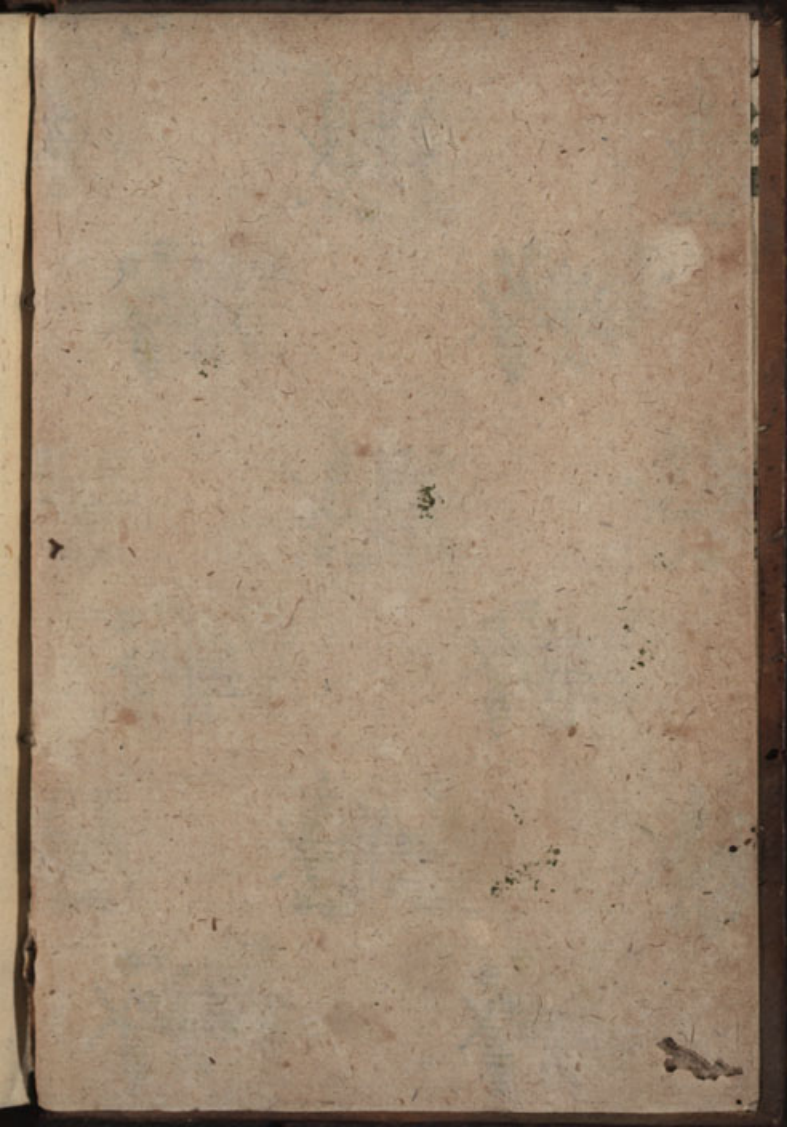
Pag. 62. lin. 23. precede l. percebe.

ADVERTENCIA.

N O PREFACIO pag. XVI. lin. 18. he o me-
 lhor de tudo o melhor.
 Pag. XXIII. na nota da. 7. sobre A. Jour.
 Na Dissertação pag. 222. lin. 8. Elias A. David.
 Ibid. pag. 222. lin. 11. pelo sobredito A. Jour.
 outro.
 Na Admissão pag. 23. lin. 7. nella A. ella.
 Ibid. lin. 8. exilia A. excita.
 Pag. 24. lin. 11. avont A. avons.
 Ibid. lin. 10. leon A. leons.
 Pag. 28. lin. 4. whatever A. whatever.
 Pag. 20. lin. 8. iff A. iff.
 Pag. 21. lin. 2. What A. What.
 Pag. 22. lin. 2. entre o que A. o que.
 Pag. 20. lin. 14. conillans A. conillans.
 Pag. 21. lin. 23. preche A. preche.











Cas
Gal
Est.
Tab.
N.º

